

A RAINHA D'HESPAN.<sup>o</sup> 4NHA

OU

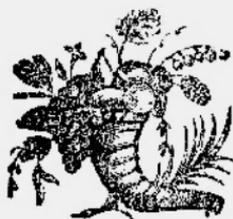
VINGANÇA DE UM FILHO,

DRAMA

EM UM PROLOGO, CINCO AGTOS E DEZ QUADROS.

PELO DOCTOR

*Carlos Antonio Cordeiro.*



RIO DE JANEIRO,

TYP. DO DIARIO, DE L. A. N. DE ANDRADE.

Rua do Rosario n. 84.



1854.

1292.533  
1835



# DEDICATORIA.



ILLM.º E EXM.º SR. CONSELHEIRO

**L. T. MARCO DE ARAUJO.**

As palavras benevolas e acoroçadoras, com que V. Ex. brindou-me, quando, reverente deposei em suas mãos a terceira das composições dramaticas, que V. Ex. com seu prestigioso nome dignou-se de amparar, fazem com que, eu mais animado ainda, dê á luz este quarto drama escripto, nao sobre assumpto nacional, mas sobre um episodio da historia da Hespanha.

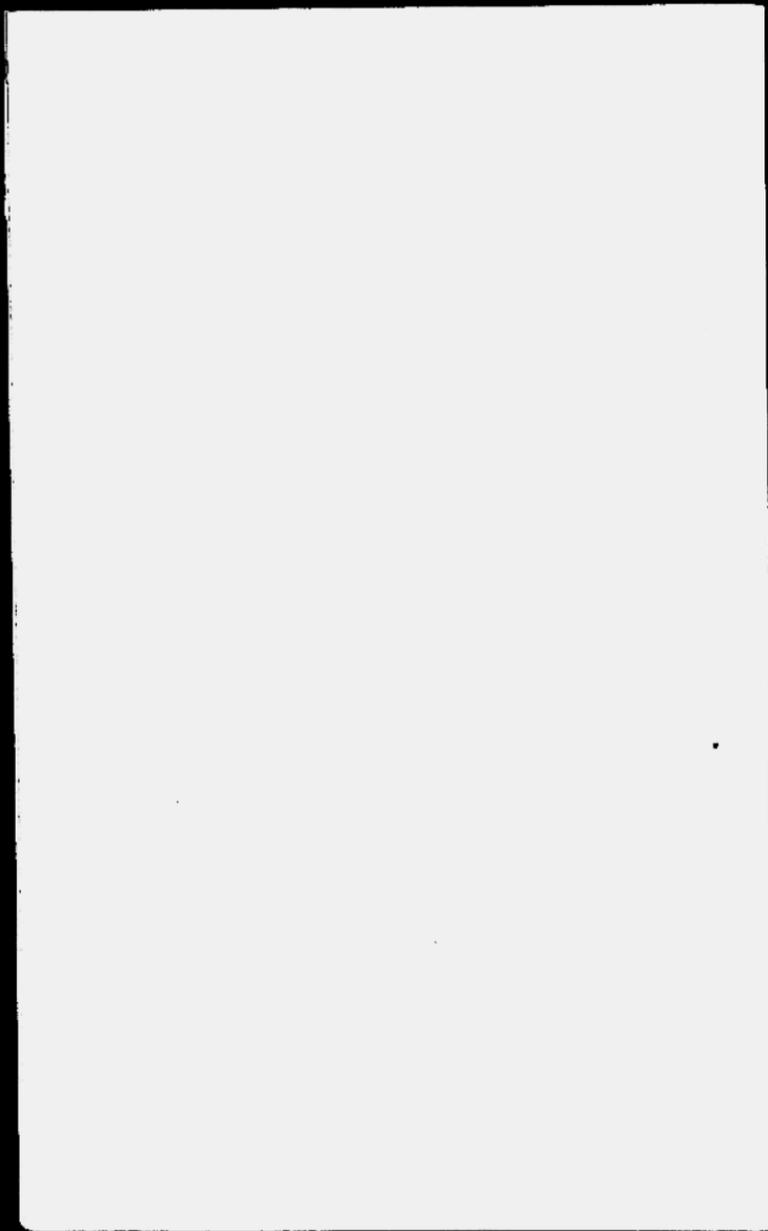
Praza ao Céu que V. Ex. seja para com elle tão indulgente, como o foi para com os pimeiros.

Tenho a honra de subscrever-me.

De V. Ex.

Devotado respeitador e criado

*Carlos Antonio Barbosa*



## PROLOGO.



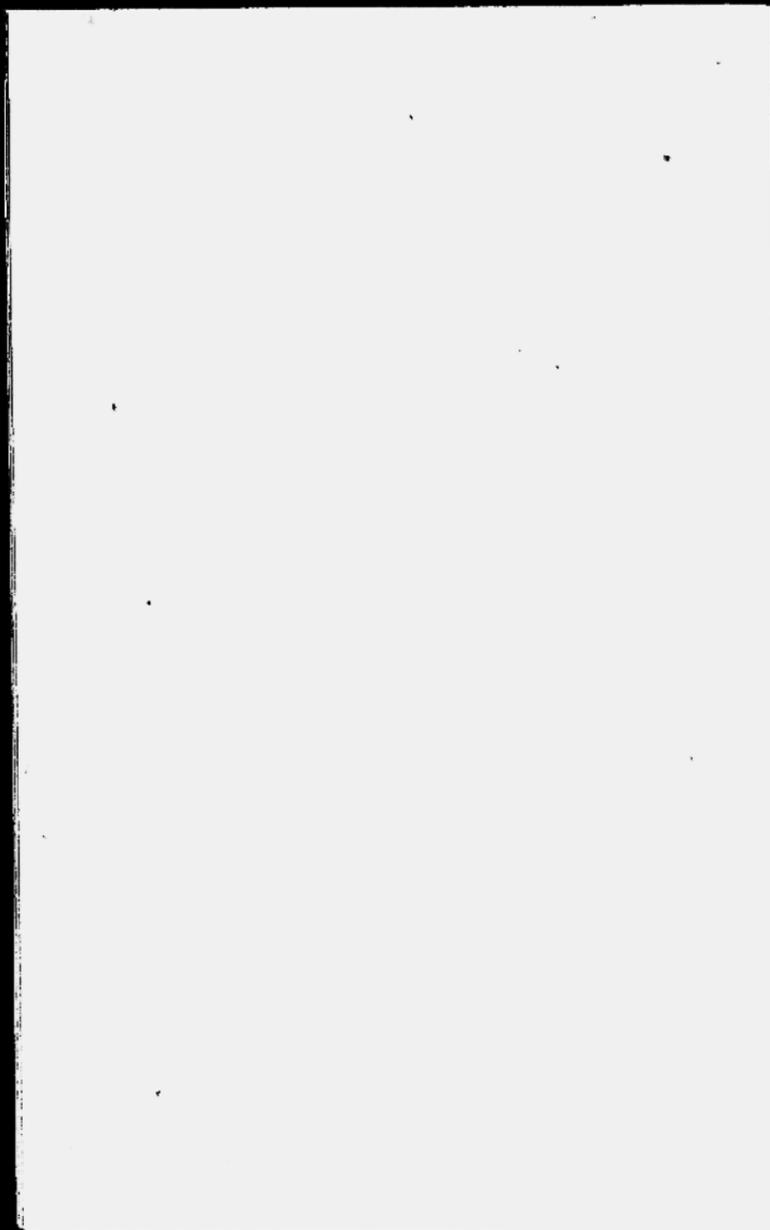
o que me determinou a escrever o presente drama, foi a leitura do romance de Mr. Alexandre de Lavergne, intitulado — La Princesse des Ursins

Nessa obrinha achão-se tão bem descriptas a influencia da princeza Anna de Tremouille sobre o animo de Pelippe V. as intrigas do cardeal Alberoni, e as insidias do visconde de Granville, que para a presente composição pouco trabalho tive, aproveitando, confesso, mesmo grande parte de seu dialogo.

Apartei-me porém essencialmente do romance na peripecia, e me parece (se o amor proprio não me rega) que imaginei um final mais dramatico do que o fez Mr. de Lavergne.

Faço votos para que d'este modo o drama mais agrade aos leitores, cuja benevolencia constantemente sollicito

O AUTOR.



## PERSONAGENS DO PROLOGO.

VISEONDE DE GRANVILLE, official francez.  
D'ALMENZAGA, tenente hespanhol.  
MARQUEZ DE SANTA CRUZ, velho general.  
GARCIA, estalajadeiro.  
UM LICENCIADO.  
INEZ, filha do marquez de Santa Cruz.

## PERSONAGENS DO DRAMA.

VISEONDE DE GRANVILLE.  
MARQUEZ DE SANTA CRUZ.  
D'ALMENZAGA.  
O CIRA ALBERONI.  
DUQUE DE MIRANDOLA  
CONDE DE MIRASOL  
CONDE DE ALTAMIRA  
CAVALLIRO DE S. JACQUES } Grandes da Hespanha.  
MARQUEZ DEL PRADO  
O PADRE ROBINET (jesuita, confessor do rei).  
REI FELIPPE V.  
LA ROCHE, pagem do rei.  
UM GRANDE INQUISIDOR.  
DOUS OFFICIAES HESPAÑHOES.  
UM PAGEM DA PRINCEZA.  
O ALCAIDE-MÉR.  
GIL PERES, mordomo de Santa Cruz.  
A PRINCEZA, Anna Maria.  
D. INEZ DE SANTA CRUZ.  
CONDESSA DE BARRASTRO.  
A DUQUEZA DE PARMA.  
MERCEDES criada da condessa.

## PERSONAGENS MUDAS.

O PRINCIPE DE CALAIS.

O PRINCIPE ROBEQUE,

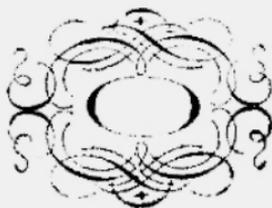
O DUQUE BOURNONVILLE.

UM MOURO.

Pagens, camaristas da princeza, archeiros, pagens do rei, damas, fidalgos, officiaes arautos, tropa, donzellas, povo.



A scena passa-se na Hespanha.



## PROLOGO.

- O theatro representa a pouzada de Xadraque. Uma varanda tose de telha vã, cuja frente aberta, dá para o fundo do theatro, é sustentada por alguns pilares algum tanto demolidos. Avaranda deve ser tão aberta que o expectador veja tudo quanto se passa do lado da rua. Ao lado esquerdo do actor uma porta dando para o interior da pouzada, dois bancos velhos encostados aos lados da porta do interior, e um pequeno fogão ao mesmo lado da scena, no canto da varanda. E dia, mas tão escuro que parece noite.

### SCENA I.

- O Marquez de Santa Cruz assenta lo a resar devotamente em um livro a um dos cantos da varanda, Felippe d'Almenzaga, àquem dá entrada da varanda, e um magro cavallo, arreitado, alem da dita varanda.*

ALMENZAGA *(fallando parao cavallo.)*

Pobre Pacheco ! fizeste uma viagem extraordinaria ; mas deixa estar que terás uma dobrada ração ! pelos Santos de Céu ! julguei, que nunca chegaria ao meu destino ! que tempo e que tormenta ! *( sacudindo o capote e o chapeo que estão alagados. )* Estou como se cahisse em um rio ! Estou enrigelado ! *( esfrega as mãos e sopra nos dedos )* E o dono da pouzada que não quer abrir-me a porta ! onde poderei agora ir albergar-me ? e o meu pobre Pacheco que nem pode dar mais um passo ? nada ; e preciso, que este homem nos recolha *( vai á porta e põe-se a bater com força. )*

SCENA II.

OS MESMOS E O VISCONDE DE GRANVILLE. *(Este vem em uma elegante carruagem. (\*) Logo que se apeia, dá com o cavallo d'Almenzaga, entra e põe-se a olhar para elle, e a rir-se ás gargalhadas.)*

ALMENZAGA *(voltando-se despertado pela bulha da carruagem, e avançando para o visconde com mau humor.)*

De que vos estais rindo, senhor ?

GRANVILLE.

Ainda a pouco era do vosso rocinante.

ALMENZAGA.

E agora ?

GRANVILLE.

Se fizesse bom tempo, meu cavalleiro, talvez dissesse, que era de vós; mas chovendo como está, não vale apena, antes vos aconselharia, que tratassemos de jantar, deixando para melhor occasião o fim deste dialogo.

ALMENZAGA.

Seja como quizerdes, senhor.

GRANVILLE.

Muito bem, creio que sois fidalgo ?

(\*) Se não poder apparecer a carruagem basta que se finja.

ALMENZAGA.

Chamo-me D. Felipe de Almenzaga, e sou tenente das guardas reaes.

GRANVILLE.

Pois eu sou o visconde de Granville, e capitão da gendarmaria de S. M. Luiz XIV.

ALMENZAGA.

Nesse cazo está decidido. Vossa mão como sello do contracto. (*Apertão as mãos direitas*) Por em quanto conversemos como bons amigos. Onde ides ?

GRANVILLE.

A Madrid. E vós ?

ALMENZAGA.

A Barcelona.

GRANVILLE.

E ides a negocios ou por mero divertimento ?

ALMENZAGA.

A negocios.

GRANVILLE.

Bem o tinha supposto. Quem viaja com um semelhante tempo e por taes caminhos, não tem por fim o divertir-se. Pois eu tambem vou a negocio e tal qual me vedes, acho-me encarregado de despachos para o nosso embaixador, o Sr. marquez de Brancas.

ALMENZAGA.

O que me leva a Barcelona são da mesma sorte despachos para o nosso exercito.

GRANVILLE.

Oh! homem! isto é com effeito singular! A proposito: quereis que façamos uma convenção? Um de nós deve ser morto pelo outro, ou pelo menos ferido. Por cauza então de nossas desavenças particulares não é justo, que soffra o serviço dos nossos respectivos Soberanos. Assim proponho-vos, que se eu tiver a honra de matar-vos, ou mesmo de ferir-vos gravemente, me encarregueis de levar vossos officios a Barcelona, com a condição porem, de que se for eu o morto ou o ferido, levareis os meus a Madrid. Que dizeis? estais por isto? Verdade é, que a estrada não é a mesma, mas pouco mais se demorará a correspondencia; e talvez que por essa demora ainda as couzas vão melhor. Ficar um general ou um embaixador sem instrucções, não será grande desgraça *vi-se.*

ALMENZAGA.

Estou pela condição.

GRANVILLE.

Bravo! Bem se deixa ver, que nascemos para entendermo-nos. Agora, meu fidalgo, tende a bondade de dizer-me a quanto tempo vós e vosso cavallo estão de plantão?

ALMENZAGA.

Oh! á mais de meia hora seguramente.

GRANVILLE.

Com effeito, é paciência, que eu nunca teria. A praça então não quer render-se ?

ALMENZAGA.

Esta renitente.

GRANVILLE.

Nesse caso, só vejo um partido a seguir. E' tomal-a) de assalto. Imitai-me (*vai a porta, tira do cinto 2 pistolas e descarrega-as contra a [chadma.]*)

GARCIA (*dono da pouzada gritando de dentro.*)

Esperai, esperai, que ja vou abrir.

GRANVILLE (*rindo-se.*)

Bem vedes, como esse tratante entendeu-me perfeitamente. Não ha nada para certa gente, como fallar-se-lho na linguagem propria.

### SCENA III.

(OS MESMOS, e GARCIA dono da pouzada.)

GARCIA.

Perdoai-me, senhores cavalheiros, perdoai-me pelo amor de Deos, se me demorei tanto em abrir-vos a porta ; porem tinha receio, de que VV. EEx. não ficassem aqui bem hospedados ; mas logo que VV. EEx. parecem querer sugerir-se . . . da minha parte será com mil amores. (*a Granville*). Porque logo não me dissesdes que eris Francez. ?

A 30 leguas de distancia sou conhecido pela rainha dedição a caza dos Bourbons o a todos os vossos compatriotas, que servirão na Hespanha ao nosso glorioso rei Felippe V. (*aparte*) Leve o diabo para as profundas do inferno quanto francez ha pelo mundo,

GRANVILLE.

Bem, bem. Agora, maroto, é preciso que repares o tempo que nos fizeste esperar.

GARCIA.

Estou ás ordens de VV. EEX.

GRANVILLE.

Primeiro toma conta daquelle pobre quadrupede, que como tu, não sabe pedir o que precisa, dá-lhe boa ração, e depois faz atear aquelle fogo para seccar nossos vestidos.

GARCIA.

Em um instante farei quanto V. Ex. me ordena. (*Chama de dentro um criado, que leva o cavallo, e elle vai atear o fogo.*)

GRANVILLE (*a Almenzaga.*)

Depois é justo, que tratemos de jantar, que segundo todas as apparencias deve ser pessimo; mas assim mesmo espero, que tereis a bondade de o aceitar. Ao menos procuraremos embebedar-nos á sobre meza (*ao dono da pousada que está junto do fogão.*) Olá tratante, manda já servir o jantar, e vai desenterrar o teu melhor vinho. (*O dono da pousada fica pasmado a olhar para elle.*) Então não ouviste?

GARCIA.

Davi, senhor, ouvi: porém V. Ex. esquece-se sem duvida, de que hoje é quarta feira de trevas, dia de jejum de preccito? (*Almenzaga tira o chapeo, e benze-se.*)

GRANVILLE.

Com effeito! Agora me recordo! Seguramente é por artes do diabo que me sinto esta manhã com uma fome devoradora. E vós, senhor, não sentis como eu a necessidade de dar que fazer ao vosso estomago? Se podessemos comer alguma couza, ainda que se pagasse ao Cura da freguezia uma esportula para dar-nos uma dispensça, era bem bom, não é assim?

ALMENZAGA (*bruscamente.*)

Eu não tenho fome.

GRANVILLE.

Mais haveis de ter sede?

ALMENZAGA.

Ainda não.

GRANVILLE (*á parte.*)

Que homem! E a chuva continua. (*a Garcia.*) Está bom, podes retirar-te. (*Garcia comprimenta e vai-se.*) Para matar o tempo vamos jogar alguma couza?

ALMENZAGA.

Vamos jogar.

GRANVILLE *(à parte.)*

Não quer comer, nem beber, também não joga? para que diabo serve este estafermo? Que pena que esteja o tempo tão mau, do contrario eu lhe daria que fazer. *(Durante este soliloquio Almenzaga olha com muita attenção para os pés de Granville.)*

ALMENZAGA *(à parte.)*

São com effeito de uma pequenez extraordinaria! *benze-se.*

GRANVILLE *(passeia como que aborrecido e canta.)*

Malborough la vai para guerra  
Miron ton, miron ton, miron laine  
Malborough la vai para guerra  
Sabe Deus quando virá. (\*)

*Apenas Granville acaba esta letra o marquez de Santa Cruz põe-se de joelhos e começa a entoar o Kyrie eleison e Almenzaga põe devotamente as mãos, e em meia voz reza o Pater-noster. Granville que começa a cantar com voz clara, vai acabando em meia voz, e deitando-se em um dos bancos da varanda, pega no somno. O marquez de Santa Cruz benze-se, e vem para junto d'Almenzaga.*

O MARQUEZ DE SANTA CRUZ *(traz a ordem do Tozão de ouro.)*

D. Félippe de Almenzaga! E' preciso, que eu esteja bem mudado para não me reconhecerdes, depois da batalha de Almanza?

(\*) E' indispensavel, que se cante esta letra com a musica propria, que é muito conhecida.

ALMENZAGA.

sangue de Christo ! não me engano ! Sois o illustre D. Alvaro de Bazan marquez de Santa Cruz ?

MARQUEZ.

E bem acabrunhado pelos desgostos.

ALMENZAGA.

Que a todos os boas hespanhoes affigem.

MARQUEZ.

Desgraçadamente é verdade, e sobre isso conversemos.

ALMENZAGA.

Sim, senhor, mas antes consenti que vos pergunte por que causa ha mais de sete annos depois da memoravel victoria de Almanza, em grande parte devida à vossa espada, vos auzentastes do exercito, dos conselhos do rei e da côrte, onde linheis um emprego tão distincto ?

MARQUEZ.

Porque causa ? . . . e é um castelhano quem m'o pergunta ? ! O que iria fazer a essa côrte, eu, D. Alvaro de Bazan, marquez de Santa Cruz, conde del Destierro quando tudo está mudado neste nobre reino das Hespanhas e das Indias ? Quando ali era o lugar dos Medina Sidonias, dos Terras Novas, dos Albuquerque, nunca della me separei ; mas hoje quem está junto ao rei são os Chalais, os Bouraonyilles, os Orys, e outros muitos francezes, cujos nomes só em proferil-os, escaldão-me a boca como se fossem ferro em braza.

ALMENZAGA.

Assim é.

MARQUEZ.

Demais, e essa Franceza, que usurpando o título veneravel de Camareira-mor, empavona-se no Escorial, e no Buen Retiro e desribue os empregos e as graças aos seus validos, para arrogar-se o tratamento de Alteza, que ate hoje só foi dado aos Infantes de sangue real ! chegando mesmo ao ponto de apresentar-se de braços e collo descobertos, no proprio palacio, onde sempre suas antecessoras souberão conservar para maior gloria das damas hespanholas o vestuario severo das descalças reas ! Que vem a ser uma monarchia, onde o Estribeiro-mór não se apresenta para abrir a portinhola do coche do rei ? onde o soberano se deita, sem que lhe dê a camisa o seu Gentil-homeni, e onde finalmente qualquer pöde tocar impunemente no brazeiro ? Oh ! por minha vida, que nunca taes escandalos se derão no tempo do rei defunto. E admirai-vos Sr. d'Almenzaga, de que eu não vá a corte ? Não, não porei lá meus pes enquanto ali estiver essa franceza, que aborreço de morte, e que por cem vezes tem merecido ser queimada em um aucto de fé.

ALMENZAGA.

Não contesto, senhor, que todas essas cousas sejam como dizeis ; porém o que posso afirmar, é que o rei Felipe V. não cede em bravura, e em religiosidade aos seus maiores.

MARQUEZ.

E quem vos diz o contrario? Quando o general Berwich, veio ao meu castello pedir o auxilio de minha espada contra o archiduque seu competidor, de bom grado lho prestei, e tive a fortuna de assistir á victoria de Almanza, a qual segu-

rando para sempre a corôa vacilante na cabeça de Felippe de Bourbon, ia decidindo de meus dias; pois fui do campo da batalha transportado para minha tenda sem sentidos, e coberto de pó e sangue. Deus com tudo veio em meu socorro, e fui salvo. Logo que pude arrastar-me para fora do meu leito, o meu primeiro cuidado foi procurar o rei, que me devia talvez algum reconhecimento. Achava-se elle então no Escorial. Entrei no palacio e cousa singular! apesar de ter mandado annunciar a minha vizita, não vi o camarista para receber-me, como exigia a minha qualidade de grande de hespanha de 1.<sup>a</sup> classe e descendente da illustre casa de Bazan. Logo depois quando estava no topo da escada, em vão procurei os halabardeiros da guarda do rei, que segundo o uzo antiquissimo me deverião fazer alas. Triste e surprehendido dirigi-me sempre ao quarto de S. M. catholica. Já ali estava muita gente. Grandes e titulares, em cujos peitos brillavão as ordens de lozao de ouro, de S. Jaques, ou d'Alcantara esperavão como em um dia de gala. Com alguma difficuldade pude abrir caminho por entre elles, mas quando ia chegando á porta, ella abriu-se de repente, e todos os presentes descobrirão-se por um movimento espontaneo, mesmo os grandes, esquecidos de suas prerogativas. Só eu fiquei coberto, fiel ao augusto costume de meus pais; mas logo vinte vozes me gritarão — tirai o chapeo! tirai o chapeo! — e sem que eu soubesse como, achei-me descoberto, eu que só me descobria em presença de Deus! Em seguida vierão ferir-me os ouvidos, como em um sonho, as seguintes palavras « Sede bem vindo, marquez de Santa Cruz, muito folgo ver-vos no numero de meus certezãos. » Não reconhecendo esta voz e aturdido, gritei — o rei me espera — ao que me respondeu uma especie de pagem francez que deiros sabe chamar-se d'Aubigny — o rei não pôde hoje receber-vos; mas inclimai-vos, e dai graças a Sua Alteza que no dignou-se acolher-vos em seu lugar. Sua Alteza, ouvis? no proprio palacio do Escorial dar-se um titulo que só compete aos Infantes de hespanha!!

ALMENZAGA (*abaixando a voz.*)

Que insoleneia !

MARQUEZ.

Ainda mais. Quando ella sahio os tambores rufarão e o povo lhe dava vivas, que certamente repercutindo no Pantheon, onde se achão os ossos de Carlos V. e de Felippe II, os larião tremer de indignação. Sim, Sr. d'Almenzaga davão vivas a essa franceza mesclada de italiana. E o rei o permittia !!! Agora comprehendéis por que a casa de Bazan cortou todas as suas relações com a cõrte, e porque embainhei a minha espada para não combater pelo instrumento, alma damnada, e serva humilissima da viuva Scarron, valida de Luiz XIV. (*Granville faz um movimento.*)

ALMENZAGA.

Tomai sentido senhor, não estamos sós. (*Aponta para Granville.*)

MARQUEZ.

E que me importa ? ao proprio rei eu diria, o que acabo de dizer-vos. Oh ! meu Deus é preciso que elle esteja bem fascinado para deixar-se assim arrastar por esta aventureira, que segundo me affirmão, já não é moça e tanto que á 25 annos, já era viuva do príncipe de Bracianno.

ALMENZAGA.

Assim dizem; porém ainda é tão bella como nessa época. Muita gente suppunha, que o credito de que ella gosava era devido á rainha ; mas essa morreu á um mez, e o rei retirado ao seu quarto, tem-lhe dado carta branca para fazer o que quizer na qualidade de preceptora do príncipe das Asturias. Isto, Sr. marquez parece-me sobrenatural.

(*abaixando a voz*) parece-me que ha algum pacto entre ella e o diabo. Quem sabe se sua alma já está vendida a -alanaz? (*benzem-se*) *Granville dá uma grande gargalhada.*

MÁRQUEZ (*dirigindo-se a elle.*)

Quem ouza rir-se do que conversamos ?

GRANVILLE, (*levantando-se.*)

Eu, Sr. marquez; que sendo devotado defensor da Sra. Princesa a quem tanto mal quereis, jurei matar a todos os seus inimigos e assim tereis a bondade antes de deixardes esta pouzada, de perder alguns instantes comigo. Sabeis quem eu sou ?

MARQUEZ.

Nem sei, nem me importa saber-o para castigar vossa insolencia.

GRANVILLE.

Oh! é indispensavel que vol-o diga. Sou o visconde de Granville, capitão da gendarmaria de S. M. Luiz XIV. Sou pois gentil-homem. Em guarda, Sr. marquez, em guarda.

ALMENZAGA.

Como senhor ? ja vos esquecestes de que estais comprometido para comigo ?

GRANVILLE.

Não me esqueci, mas primeiro está o Sr. marquez, que e general, do que um simples tenente das guardas.

ALMENZAGA.

E se elle vos matar ?

GRANVILLE.

Voltarei do outro mundo para satisfazer meus compromissos. Vamos senhor, nada de demoras.

MARQUEZ.

Eu já vos contento. Garcia ! Garcia ! (*Apparece Garcia.*) Poem novas bestas na minha carruagem ! mulas frescas que vou partir immediatamente.

GARCIA (*pondo as mãos.*)

Mas V. Ex. não sabe, que Sua Alteza a Sra. Princeza mandou reter todas as mulas desta estrada, para a viagem que projecta fazer ?

MARQUEZ.

Sempre essa maldita mulher ? agora mais que nunca quero novas mulas, já, ou tua vida. . . .

GRANVILLE.

Faze o que Sua Alteza te mandou ordenar.

MARQUEZ.

Inferno ! (*tira a espada.*) Em um momento me desembaraçarei de vós. Sr. d'Almenzaga servi de testemunha a ambos. (*Batem-se e Granville cahe.*)

GRANVILLE (*cahindo com a mão no peito.*)

Bravo ! que bote, Sr. marquez ! este foi de mestre !

ALMENZAGA.

Oh ! meu Deus ! está ferido mortalmente ! Um facultativo, um cirurgião quanto antes.

GARCIA.

Aqui visinho, mora o melhor do lugar, vou correndo chamal-o *(vai-se)*.

GRANVILLE.

Sr. d'Almenzaga, não vos esqueçais da nossa convenção. Julgo-me morto ; porém morro defendendo a honra da mais nobre dama do reino de Castella.

MARQUEZ.

Assim a vida della dependesse da vossa.

#### SCENA IV.

OS MESMOS, GARCIA E UM MEDICO.

GARCIA.

Justamente chegava o Sr. facultativo, quando d'aqui sahi, eil-o prompto a soccorrer o ferido. *(O medico vai examinar o ferido.)*

*Em quanto examina ouve-se ao som de uma guitarra os seguintes versos cantados por vóz mulheril.*

He a virgem Aragoneza,  
Escutai sua canção ;  
Eu não quero ser franceza,  
Antes morrer na prizão,  
He a virgem Aragoneza,  
Viva o reino de Aragón.

*Em quanto canta, o marquez ouve com prazer, e no fim da musica diz como arrebatado.*

MARQUEZ *(com orgulho.)*

E' minha filha !

GRANVILLE *(que tem attento ouvido.)*

Que vóz celeste !

### SCENA V.

OS MESMOS E IGNEZ *(correndo.)*

IGNEZ *(alegre).*

Meu pai! o tempo serenou, podemos partir *(vendo Granville ferido)*. Céos ! um homem ferido ?

MARQUEZ.

E' um francez com quem me bati em duello!

o MEDICO *(vindo para a scena, e aos circumstantes.)*

O golpe foi mortal, a arte nada mais tem que fazer !  
agora só deve funcionar a Igreja !

IGNEZ *(áparte, hindo para junto de Granville)*

Que desgraça ! tão moço e tão bello !

GRANVILLE.

Que anjo ! oh ! infortunio ! e só conhecê-la agora !  
*(Desmaia e cae como morto.)*

**Fim do prologo.**

# ACTO I.

## QUADRO I.

### *A FAVORITA.*

Sala magnifica no Palacio de Medina Coeli. Tres grandes entradas pelo fundo. Portas lateraes: as tres da direita do expectador dão para as diversas dependencias do palacio. As da esquerda dão a do centro para o aposento do rei; as outras duas para os seus gabinetes. Todas as portas estão cobertas de respoiteiros encarnados com as armas reaes da Hespanha bordadas a ouro. Uma estatua do cardinal Ximenes.

## SCENA I.

O DUQUE DE MIRANDOLA, o CONDE DE MIRASOL, o CÁVALLEIRO DE S. JAQUES, D. GUSMÃO DE NORONHA, o MARQUEZ DEL PRADO, o CURA ALBERRONI, E LOGO DEPOIS o MARQUEZ DE SANTA CRUZ. *Os precedentes estão em grupos conversando, todos cobertos ALBERRONI está separado descoberto, junto á estatua, assentado no pedestal.*

O DUQUE DE MIRANDOLA.

Creio que ainda hoje será tempo perdido! Não vejo por ora nenhum indício, de que o rei nos appareça.

TODOS.

Assim o julgo.

CONDE DE MIRASOL. *(consultando o relógio.)*

Pelo menos a hora da audiência está passada.

O MARQUEZ DE SANTA CRUZ (*apparece á porta do meio.*)

*Elle vem vestido ao tempo de Felippe II. com gibão e capa de velludo preto debruado com um estreito galão de ouro, luras de canhão, e grandes bigodes retorcidos. Traz a ordem do tozão de ouro ao pescoço. De baixo do braço esquerdo traz uma missal de capa encarnada com as armas da Hespanha em ouro, e na mão direita uma espada nuca. Apenas apparece, sem olhar para os que estão na sala, dirige-se com gravidade para a porta do quarto do rei.*

O DUQUE DE MIRANDOLA (*indo ao encontro do marquez.*)

Oh! meu Deus! não me engano! E' o marquez de Santa Cruz e no Palacio d'El-rei! Que vindes aqui fazer, senhor? depois de haverdes por tantos annos deixado de apparecer na côrte?

MARQUEZ DE SANTA CRUZ.

Sr. Duque de Mirandola, compareço onde o dever me chama. Não sabeis que são hoje 30 de abril do 1714, vespera da festa de S. Felippe, Padroeiro do nosso rei?

MIRANDOLA.

Todos o sabem.

SANTA CRUZ (*vindo para a scena.*)

Então tambem deveis saber, que nestes dias, durante a missa e o beija-mão, um dos grandes do reino, deve estar de espada em punho ao lado do soberano.

Esta honra pertencia antigamente á casa de Oropesa em virtude de um decreto do tempo de Fernando o catholico, mas como essa casa extinguiu-se no reinado do defunto rei Carlos II, passou semelhante encargo ao chefe da fa-

milia dos Melina Sidonias. Com tudo, morrendo este, e recusando seus descendentes render preito e homenagem a Sua Magestade Felippe V, pertence hoje à casa de Bazan, (segundo o ordena o mencionado decreto) essa honrosa missão, e foi para isso, para revindicar o meu direito, que chego a toda a pressa de Saragoça. Portanto não me detenhais, são quasi horas da missa, e quero ir tomar o meu lugar de honra.

MIRANDOLA.

Se é só por essa causa, não vos encommodeis, Sr. Marquez, porque o rei não recebe ninguem hoje em seu quarto, e creio que nem mesmo nos apparecerá nesta sala.

SANTA CRUZ.

Oh! isto é impossivel!

MIRANDOLA.

Aqui estou eu a quem, apesar da minha qualidade de Escudeiro-mór, recusarão a entrada.

CAVALLEIRO DE S. JAGUES.

E a mim tambem, que sou cavalleiro de S. Jaques.

CONDE DE MIRASOL.

E a mim camarista de S. Magestade, e grande de Hespanha de 1.<sup>a</sup> classe.

D. GUSMÃO.

Tambem eu, que sou Monteiro-mór, fui repellido.

MARQUEZ DEL PRADO.

E eu, filho da Camareira-mór de 2 rainhas, tive igual sorte !

ALBERRONI (*gritando do seu lugar onde existe a estatua da Cardeal Ximenis, a cujo pedestal está elle assentado.*)

Pois a mim, que não sou nada, aconteceu o mesmo. (*Todos olhão para elle.*)

MARQUEZ DE S. CRUZ.

Per S. Thiago, senhores, que grande novidade terá havido visto que Sua Magestade recuza receber seus leaes e fideis grandes de Hespanha, na vespera da testa de seu Padroeiro ! Para tal acontecer, mister é que o rei esteja gravemente indisposto.

MARQUEZ DEL PRADO.

Não o acrediteis, ainda á pouco estive com o Irlandez Hygheus, seu primeiro medico, que ia passar o dia em sua quinta, porque o rei não necessitava de seus serviços e lhe havia dada licença.

CONDE DE MIRASOL.

Eu por mina não sei como interprete o que estou vendo. Sua Magestade está mais invésivel que nunca, e dizem mesmo que já não admite á sua presença seus Recreadores. O Sr. Cardeal grande Inquisidor tambem á 15 dias que não officia, e que tem o seu palacio feixado. Da mesma sorte o embaixador de França deixou Madrid precipitadamente e sem despedir-se de pessoa alguma. Tudo isto é tão extraordinario, que não ha quem o explique.

ALBERRONI (*vindo para scena.*)

Meus senhores, se quizerdes permittir a um estrangeiro o emittir a sua humilde oppinião á cerca de tão graves matérias, terei a honra de fazer-vos observar em primeiro lugar, que a realles e a santa inquisição, são as mais respeitaveis instituições da Hespanha, que se achão intimamente ligadas, que não podem existir uma sem outra, e neste caso é bem natural que uma se feche quando a outra se esconde. Quanto ao embaixador de França, que queíeis, que fizesse um embaixador, quando não lhe era mais permittido o fallar ?

MIRANDOLA.

Para emprender uma viagem de mais de 400 leguas, nesta estação, por entre chuvas e ventos, e com os caminhos, como se achão, era preciso ter um poderoso motivo.

ALBERRONI.

Oh ! tudo isso é nada quando se sente a necessidade de fallar. Vós outros senhores hespanhoes nunca a sentirão.

SANTA CRUZ.

Pelo que damos graças a Nosso Senhor Jesus Christo.

CAVALHEIRO DE S. JAQUES.

Mas quando não se pode fallar, escreve-se.

ALBERRONI.

Isso é facil de dizer.

D. GISMÃO.

É ainda mais facil de fazer. Para que servem as postas e os correios ?

ALBERRONI.

Para fazer saber aos governos justamente aquillo, que se quer que elles ignorem. Oh! sobre este assumpto consultai S. Alteza a Sra. Princeza.

SANTA CRUZ (*puchando Mirandola e dizendo-lhe a parte*).

Quem é este homem? (*Em quanto estes fellão os outros em grupos conversão baixo com Alberroni.*)

MIRANDOLA (*baixo*).

E' um pobre diabo! Foi secretario do defunto duque de Vendome, ou para melhor dizer foi o seu lac-totum — E' italiano do ducado de Parma — Dizem que foi sincero na sua aldêa de Firenzuola, chama-se Alberroni, e todos o tratão por —cura— Aqui acha-se no caracter de representante do duque de Parma, e é por isso que tem entrada em palacio—mas tal soberano, tal representante. No mais é uma excellente creatura, sem cuidados, sem ambição, e sempre com bons ditos que promovem o riso. (*Ouven-se passos na camara do rei, todos ficão attentos.*)

MARQUEZ BEL PRADO.

Quem será?

## SCENA II.

OS MESMOS E O JEZUITA ROBINET CONFESSOR DO REI  
(*Apenas Robinet apparece todos correm para elle.*)

SANTA CRUZ,

Eu bem sabia, que um rei catholico em um dia, como este, não deixaria de apparecer aos membros de sua no-

breza. e se Sua Magestade esta manhã dispensou o medico do corpo, foi porque, como o vedes senhores, quiz entregar-se ao medico da alma. — Não é verdade, meu reverendissimo? agora parece que já não ha obstaculo, a que eu penetre na camara real.

ROBINET.

Estais caganado senhor—Ha ordem expressa, para que lá não entrem nem os proprios recreadores. Eu mesmo tive de submitter-me a tal mandato.

CONDE DE MIRASOL.

E de que boca partiu ella?

ROBINET.

De Sua Alteza a Sra. Princeza? (*Todos feição admirativa.*)

ALBERRONI (*sorrindo-se chega-se a Robinet.*)

Meu reverendissimo, por acaso não encontrastes em vossa passagem o superintendente das obras do palacio?

ROBINET.

Não. Pelo que?

ALBERRONI.

Porque esse senhor inda esta manhã vos procurava com muito empenho. Como Sua Alteza a Sra. Princeza deu ordem para que na galeria que conduz de sua morada aos aposentos reaes se trabalhasse inda mesmo nos domingos e dias de guarda, elle queria consultar convosco para saber se isso seria peccado.

ROBINET (*com raiva concentrada.*)

Peccado seria não trabalhar nella para desmoli-la, indo mesmo durante o sagrado sacrificio da missa. (*O marquez de Santa Cruz, e alguns outros ajoelhão-se, e beijão-lhe a manga.*)

D. GUSMÃO.

O padre Robinet tem razão — E' uma vergonha para nós soffrermos todos os caprichos da Princeza. E' preciso pôr um termo a taes vexames.

CAVALLEIRO DE S. JAQUES.

Pelo sangue de christo é chegado o momento de decidirmo-nos. Vamos procurar o rei e quando elle não nos queira receber, forcemos a entrada.

MARQUEZ DEL PRADO.

E peça-mos-lhe em altos gritos a demolição da galeria. (*O marquez de Santa Cruz reflecte.*)

CONDE DE MIRASOL.

Façamos ainda melhor, vamos pedir-lhe o banimento da favorita.

TODOS.

Isso mesmo, isso mesmo. Abaixo a favorita.

ALBERONI.

Tomai sentido senhores—as paredes tem ouvidos.

*De repente todos os reposteiros se levantão, e apparece o Duque de Bourbonville com toda a companhia de alabardeiros que fazendo um ciniçirculo no fundo da scena envolvem os que ahí se achão (as personagens seguintes entrã logo depois, collocão-se no centro do ciniçirculo.)*

### SCENA III.

OS MESMOS E A PRINCEZA ANNA MARIA ENTRE O PRINCIPE DE CHALAIS, E O PRINCIPE ROBEQUE.

*A princeza com quanto vestida de preto vem em grande gala. Alguns pagens a seguem e um menino mouro segura a cauda de seu vestido. A Princeza olha por alguém tempo para os circumstantes, depois sorrindo benevolmente, os comprimenta. Diz algumas palavras em segredo ao duque de Bourbonville que faz signal a sua companhia, e esta immediatamente evacua a salla. A vista da princeza todos se descobrem a excepção de Santa Cruz, e Mirandola.*

A PRINCEZA.

Senhores, S. Magestade não pôde hoje dar-vos audiência, no que tem summo desgosto: no entanto Sr. Padre Robinet, sinto grande prazer em poder dar-vos uma agradável noticia. O seminario que desejavaes estabelecer em Madrid para nelle a companhia de Jesus educar as donzellas nobres, e sobre que fallastes ao rei, ainda não pôde ter começo por achar-se o reino exausto de recursos, ficando a sua edificação para tempos meliores; porem eu tornei a fallar com instancia a S. Magestade, e elle então auctorisou-me a dar as precisas ordens ao Sr. Ory, de sorte que na semana seguinte se collocará a primeira pedra.

ROBINET (*inclinando-se.*)

Princeza. . . . Praticastes um acto de verdadeira piedade e Deus vol-o levará em conta no céu.

A. 222.593 AA 18/5/2010

PRINCEZA.

No céo. . . talvez ; porem no mundo . . . . (derije-se a *Mirandola*.) Sr. Duque, já que o rei teve o sentimento de não poder receber-vos esta manhã, ao menos incumbi-me da grata missão de presentear-vos com o seu retrato, feito por um dos mais celebres pintores da França (*da-lhe um medalhão circulado de pedras*.) Com a imagem liei de vosso soberano, algum tanto vos consolareis de não terdes sido admittido à sua real presença.

O DUQUE (*depois de um momento de exitação tira o chapeo e inclina-se para beijar a mão da princeza*.)

Princeza, estou intimamente penhorado por um tão alto favor. S. Magestade não podia escolher mais graciosa intermediaria e supplico-vos que lhe exprimais toda a minha gratidão (*beija o retrato*.)

PRINCEZA (*sorrise, e derije-se ao marquez de Santa Cruz*.)

Oh ! com effeito, é um grande milagre, o vovos aqui, Sr. de Santa Cruz ! porque segundo me parece, ha já bem annos que o rei se acha privado de vossos serviços, e a côrte de vossa presença !

SANTA CRUZ.

De certo, senhora. Ha sete annos que não ponho os pés neste palacio.

PRINCEZA.

Tanto maior prazer causaes ; porque, diz o evangelho, que a ovelha desgarrada, que volta ao seu rebanho, é sempre a mais bem recebida.

SANTA CRUZ.

Sim, senhora, mas as ovelhas que voltão, é que sabem que não ha lóbo nem lóba que as devore. (*Chalais e Robeque levão as maos aos punhos das espadas, e retirão-as a um olhar da princeza.*)

PRINCEZA.

Nesse caso estais vós Sr. marquez; porque voltaes com toda a segurança; o que na realidade me alegra; se bem que a alegria não seja completa, quer para mim, quer para todos estes fidalgos, por virdes só sem vossa filha, que segundo me alirmão é um dos mais bellos raios do sol da Hespanha.

SANTA CRUZ.

A rainha morreu, e parece que prohibem ao rei, o apparecer. O que viria fazer então minha filha a palacio? Ella aqui não será vista, sem que haja uma rainha.

PRINCEZA.

Oh! a Deus apraza conceder-nos uma quanto antes. E é somente isso, Sr. de Santa Cruz, tudo quanto quereis dizer-nos?

SANTA CRUZ.

Não senhora, e bem deveis pensar, que D. Alvaro de Baran, marquez de Santa Cruz, não se encommodaria por tão pouco. Vim com o designio de ver o rei, e de falar-lhe.

PRINCEZA.

Hoje é impossível; S. Magestade todo entregue a sua justa dor pela morte da rainha, não quer ver pessoa algu-

ma : com tudo, se quizerdes, encarregar-me-hei de referir-lhe, quanto pretendicis dizer-lhe.

SANTA CRUZ.

Nesse caso dizei ao meu soberano, que chego de Saragoça, onde fui pedir a Nossa Senhora do Pilar tres cousas. A primeira fazer a Hespanha feliz e gloriosa.

PRINCEZA.

E' esse um voto em que sempre vos a acompanharei.

SANTA CRUZ.

A segunda, que desvende os olhos do rei, e a terceira que o livre de seus inimigos.

PRINCEZA.

E quem são esses inimigos. ?

SANTA CRUZ.

Ainda não acabei, senhora. No altar da santa virgem jurei consagrar a minha espada, o meu braço, e o sangue que ainda me resta nas veias a essa obra meritoria. Antes de partir para Saragoça já a tinha commecado abrindo o peito de um francez que ousou deffender a causa, contra a qual todo o bom hespanhol deve pugnar. Tenho concluido, senhora; e agora tereis a bondade de transmittir ao rei o que vos disse.

PRINCEZA.

Basta, Sr. de Santa de Cruz: por attenção á vossa idade, e aos vossos antigos serviços, deixei-vos ir ao fim, sem querer decifrar vossos enigmas. Comtudo ha nelles uma

circumstancia que força é esclarecel-a. Mattastes um traitez, e quem era elle ? que vos fez ?

SANTA CRUZ.

Se tendes grande interesse em saber-o, perguntai a D. Filipe d'Almenzaga. Estava presente nessa occasião, e pode dar-vos quantos esclarecimentos quizerdes.

PRINCEZA.

Assim tarei, senhor. No entanto o que por ora vos aconselho, é, que deixeis este palacio, e que em vossa residencia aguardéis as ordens reaes. Certamente não tardareis em recebe-las. (*Depois de algum silencio.*) Senhores, visto S. M. nao poder dar-vos hoje audiencia julgo que é inutil a vossa estada por mais tempo nesta sala. Portanto Deos vos guarde. (*Todos comprimentão e retirão-se, á excepção de Alberoni que fica na porta da sahida. Na occasião em que Santa Cruz passa por elle, diz-lhe.*)

ALBERONI.

Sr. marquez, se me quizerdes dar credito, Ide aproveitar já a bella estação, em algum paiz estrangeiro.

SANTA CRUZ.

E porque ? porque disse a verdade ? Sabei que tanto a mentira, como o medo são palavras desconhecidas no palacio de Bazan. (*Vai-se.*)

ALBERONI.

Nesse caso, Sr. marquez, todos de vossa familia deverão nascer mudos.

## SCENA IV.

### A PRINCEZA E ALBERONI.

Bons dias, cura Alberoni, ainda não vos tinha visto.

ALBERONI.

E' porque o sol alumia sem se importar com os lugares onde cahem os seus raios.

PRINCEZA.

Quereis dizer a lua, não é assim Cura? e essa mesma lua em seu occaso.

ALBERONI.

Convirei que seja a lua, com tanto que Phebo antes de esconder-se, me escolha por seu Endemião.

PRINCEZA.

Sempre madrigaes? Sois incorrigivel! Para um homem da igreja, deverieis ser mais modesto, e é talvez por isso, que ainda estejaes cura, o que é pena, porque tendes na realidade muito espirito. (*Alberoni beija-lhe a mão e vai-se.*)

## SCENA V.

A PRINCEZA (*só, depois de pensar.*)

Oh! que luctas tenho soffrido, e que novas tenho ainda de soffrer! Em uma velha nação, onde antiquissimos prejuizos se achão profundamente arreigados, onde a superstição

o o fanatismo são duas hydras que a corroem desde os seus alicerces, eu só, uma fraca mulher, como poderei leva-las de vencida? Esta indomavel aristocracia tão cheia de seus foros e privilegios, e que tanto odio me vota. . . essa Franca que so por si quer impor a lei, e sobre tudo essa M.<sup>ma</sup> de Mantainon, que minha protectora ao principio jamais poderá soffrer ver-me rainha á face do mundo, quando o seu casamento com o rei é clandestino. . . tudo, tudo sao inimigos muito e muito poderosos! Oh! mas eu tenho por mim a minha vontade de ferro, e a fraqueza do coração do rei. Não devo desanimar: Ou sahirei triumphante, ou ficarei esmagada debaixo dos meus proprios tramas. *(Chega o rei,)*

## SCENA VI.

### A PRINCEZA E O REI.

*(Apênas o rei apparece a princeza vai beijar-lhe a mão : o rei vem assentar-se em uma cadeira de braços, que está junto de uma meza coberta de veludo verde, com franjas de ouro ao lado da scena. O rei vem triste e com ar doentio, traz um simples gibão de veludo preto com uma Grã Cruz azul, e o tozão de ouro ao pescoço)*

O REI.

Emfim, graças que vos torno a ver princeza! Todos esses importunos já se retirarão?

PRINCEZA.

Sim, senhor; e todos forão rogando ao céu pelo bem estar de V. M.

REI.

Que se vão. E' bem triste cousa ser rei de Hespanha.

Sugero sempre ás mais pezadas etiquetas, nunca podendo fazer o que tem na vontade ! ah ! quanto desejo tenho de exterminar todos esses velhos prejuizos !

PRINCEZA.

E V. M. já para isso vai em bom caminho. O que é agora necessario, senhor, desculpai-me eu vos rogo, é que não vos entregueis absolutamente a essa tão cruel melancolia, que visivelmente altera vossa preciosa saude. Para que estardes sempre encerrado neste palacio ? Sabeis o que dizem os cortesãos ? Que sou eu quem aqui vos detenho para impedir que a verdade chegue a vossos reaes ouvidos.

*O rei sorri-se com melancolia, dá a mão á princeza, e faz-lhe signal que se assente na outra cadeira mais bairra ao lado delle, e em seguida diz:)*

REI.

A voz da verdade ? a voz da verdade ? Quão raras vezes penetra ella as paredes da morada dos soberanos ! Mas enfim se é necessario que eu saia, que me mostre : sahirei: dou-vos minha palavra. Daqui a alguns dias completar-se hão tres mezes que perdi para sempre a minha querida Luiza. Irei vel-a. Farei abrir sua campa para ainda uma vez contemplar suas feições adoradas.

PRINCEZA

Sr. por quem sois, renunciai, a um semelhante projecto

REI

E porque não heide imitar o exemplo de meu predecessor, o defunto rei Carlos II ? Não foi elle tambem visitar a sepultura de minha prima Luiza de Orleans ? Facto

foi que logo depois tambem morreu ; mas será isso razão, para que eu não o faça ?

PRINCEZA.

Senhor, tal linguagem offende a Deos, que não permite que as saudades sejam eternas. Em vez de vos entregardes á dor, que estanca a vida em suas fontes, procurai antes destrahir-vos. Reccebi ao menos vossos leaes e ficis subditos, os grandes de Hespanha.

REI.

Que boa distracção ! Todos são tão graves ! tão compassados ! Que differença, princeza, entre esta corte e a corte de Versailles ? Meu Deos ! porque não estou ainda duque d'Anjou ? Porque não fiquei sempre na minha alegre, e florescente França ?

PRINCEZA

Pois bem, Senhor, ao menos mandai vir aquelles que da França vos fallarão, os vossos recreadores ? Quereis que os faça entrar ? Ainda se achão em palacio.

REI.

Não, não, isso causaria novos ciumes. Se exceptuasse hoje alguém, contrahiria cem mortaes inimigos. Basta que estejais junto de mim, princeza. Com vossa companhia mecontento.

PRINCEZA

Provai-m'o então, Sr. Bani esses lugubres pensamentos que de continuo vos cercão.

REI

Prometto-vos que empregarei todos os esforços.

PRINCEZA

Muito vos agradeço. Quando ainda pouco entrei em vosso quarto estaveis lendo. A leitura fatigou-vos, quereis que eu continue para ouvir-des ?

REI.

Não, li quanto bastava.

PRINCEZA

E que obra era ?

REI.

Os psalmos da penitencia.

PRINCEZA

Ah ! Senhor... uma tal escolha !...

REI.

E' a que me convem. Qual é o monarcha da Europa que tanto como eu, necessita da clemencia divina ? Quem sou eu neste reino das Hespanhas e das Indias ? Um estrangeiro.... um usurpador.

PRINCEZA

Que dizeis, oh ! ceos !

REI.

Sim, por mais que argumentem, esta monarchia, nunca foi propriedade de Carlos II, della só tinha elle o uso-fructo. E por tanto para entrar na posse da herança á qual não tinha o menor direito, deixei correr rios de sangue. Se hoje

Deos me chamasse a sua divina presença para tomar-me contas, que lhe responderia?

PRINCEZA

Ah senhor se todos os peccadores tivessem a consciencia tão carregada como a de V. Magestade, pedia-se bem supprimir o inferno, e mesmo o purgatorio. Demais em vossa idade, apenas com 30 annos, tem-se muito tempo para espiar culpas quando mesmo culpas se hajão coumettido.

REI

Oh! a idade nada vem ao caso. Meus irmãos de Bour-gogue e de Berry, mais moços do que eu, não jazem nos carneiros de S. Diniz? A minha propria Luiza e sua irmã erao ainda bem moças e a morte ja as roubou. E' rara a velhice em sangue real, meu augusto avô pôde escapar a esta lei, que nos fere, mas nem por isso é digno de inveja pelos golpes que tem soffrido.

PRINCEZA.

Deos, que é o senhor, e o arbitrio de nossos dias, queira conservar os vossos por longos tempos. Lembrai-vos de que o príncipe das Asturias conta apenas 7 annos e que ainda tem necessidade de seu pai antes de ser chamado a succedel-o. A Hespanha gosa actualmente de paz; porem Barcellona ainda está revoltada, o estandarte negro continua a tremular sobre suas muralhas. Almenzaga ainda esta manhã deu-me más noticias acerca de tal assumpto.

REI.

Tambem as sei. Almenzaga esteve comigo.

PRINCEZA

E seremos obrigados a levantar o cerco de Barcellona?

Recordai-vos de que sois netto do grande Luiz XIV. (*O rei levanta-se e a princeza tambem, batem a porta e La-Roche entra*)

## SCENA VII.

### OS MESMOS E LA-ROCHE

REI.

Quem está ali? Não disse eu, que queria estar só?

PRINCEZA

Perdoa-me, senhor, eu sou a culpada. Dei ordem a La-Roche, que viesse mesmo ao vosso proprio quarto, se chegasse algum correio da França, e como o vejo é provavel...

LA-ROCHE.

Quanto a correio senhora, por ora ainda não chegou nenhum... mas uma circumstancia não menos extraordinaria, que empvista me obrigou a ultrapassar as ordens de S. M. Os membros do tribunal da Santa Inquisição achão-se na salla da tocha, e pretendem comparecer immediatamente na augusta presença do rei.

REI.

A Inquisição ! que me querará ella ?

PRINCEZA (*aparte.*)

O Santo Officio ? é bem extraordinario ! (*alto*). Creio senhor que não lhes podeis negar audiencia. Permitti que os mande entrar. (*O rei faz signal que sim, com máu humor. La-Roche retira-se e immediatamente apparecem*

*tres inquisidores como capuzes na cabeça e comprimentão o rei).*

### SCENA VIII,

OS MESMOS E OS TRES INQUISIDORES EXCEPTO LA ROCHE.

PRINCEZA (*depois de alguma pausa*);

Senhores, podeis fallar, o rei vos escuta.

*Os tres inquisidores consultão e nresi depois o que estão meto tira um papel e entregando ao rei diz.*

INQUISIDOR.

Rei Catholico, o grande tribunal do Santo Officio nos envia em deputação á presença de V. M., — para pedir-vos, que Ory, seja immediatamente demellido do lugar de superintendente do palacio. — Elle acaba de attentar contra um dos preceitos da nossa Santa Madre Igreja dando ordens para que se trabalhe nos dias sanctificados. Deste modo a depulação cumprindo seu dever espera que V. M. resolva em sua sabedoria o que for de justiça. (*Entrega o papel que o rei atira na mesa.*)

PRINCEZA (*aparte.*)

Isto tem por fim flagelar-me, pois sabem que Ory é meu protegido. (*Depois de alguma pausa, em que o rei está pensativo.*) O Santo officio tem razão no que pede. O Sr. Ory é francéz e nunca se deveria esquecer das leis que regem no paiz onde elle existe. Srs. Reverendos podeis retirar-vos que S. M. dará ao vosso respeitavel tribunal a mais completa satisfação. (*O rei faz um signal aos padres que se retirão.*)

SCENA IX.

O REI E A PRINCEZA.

PRINCEZA.

Agora, senhor, posso deixar a Hespanha em toda a segurança, já terho um companheiro que me precederá preparando as minhas pousadas.

REI.

Que quereis dizer ?

PRINCEZA.

Que apenas subjugada Barcelona, terei prehenchido a minha nobre missão, e desde essa época, resignarei em vossas mãos os poderes que houvestes por bem confiar-me.

REI.

Que ! princeza ! essa determinação é immutavel?

PRINCEZA,

Immutavel, senhor, a menos que... (*Batem á porta do gabinete.*)

REI (*gritando desesperado.*)

Quem é que ainda vem perturbar-me ?

SCENA X.

OS MESMOS E LA ROCHE.

LA ROCHE (*entrando.*)

Senhor, são officios de França.

PRINCEZA (*correndo.*)

Ah ! enfim ! (*toma e quer dar ao rei : la Roche vai-se.*)

REI.

Lêdo-os, e dizei-me o que contem.

PRINCEZA (*corre os olhos e deixa cahir o papel.*)

Tudo está perdido ! Vosso avô já está cansado e abandonará a Hespanha, se de prompto não vos submeterdes ás condições que vos impõe.

REI.

Meu avô me impõe condições ! e quaes são ellas ?

PRINCEZA.

Que assignareis os tratados de Utrecht e de Rastadt.

REI.

E' para mim bem cruel humilhação ; quaes são as outras ?

PRINCEZA.

Que me mandareis immediatamente para França sem que insistaes em que me concedão um Estado.

REI.

Mas tanto o rei, como M.<sup>me</sup> de Mentainon m'havião promettido.

PRINCEZA.

Ambos retirão sua promessa.

REI.

E' uma ultraje que nos fazem. E ainda ha outra condição ?

PRINCEZA.

Sim Sr. A côrte de França informada do quanto senti-  
eis a morte da Rainha, compromettendo com isso vossa  
saude, exige que sem demora contracteis novo casamento.

REI.

Meu Avô não quer esperar ? Pois bem princeza, asse-  
taivos a essa meza, e escrevei a resposta.

PRINCEZA (*assentando-se*.)

Vossa Magestade não quer antes ouvir o seu conselho  
de estado ?

REI.

Escrevei que me submetto a todas as condições, e que para mais obedecer-lhe, tenho tomado a resolução de receber por esposa. . . . A Princeza Anna Maria de la Tremouille.

PRINCEZA (*suprehendida e levantando-se.*)

Ah! . . . Sr.! perdoai-me. . . . mas eu não posso escrever. . . . o que acabais de diclar.

REI.

Escrevei, que assim é minha vontade.

PRINCEZA.

Porém. . . eu não sou. . . de sangue real.

REI

E Madame de Mentainon o era por ventura ?

PRINCEZA.

Que dirão os grandes de Hespanha ? Os Altamiras ? Albuquerque ? Os Santa Cruzes ?

REI.

O que quizerem : nunca me importei com as alianças que elles contractarão. Façam comigo outro tanto. Que me embarça a oppinião de Altamira ou de Santa Cruz ? Este ultimo sube hoje apenas, que estava em Madrid. por me contar de Almenzaga que elle havia morto o visconde de Granville.

PRINCEZA.

De Granville?! Pois elle matou o visconde de Granville?! *(cahe na cadeira desfalecida.)*

REI.

Que tendes princeza? *(aproxima-se e dá um grito.)*

LA ROCHE *(entrando de novo.)*

Cartas para a Sra. Princeza.

REI.

Não está em estado de recebê-las. Tragão saes, soccorro! chamem o meu medico... que a princeza desmaiou. *(Entrão muitas pessoas em confusão e procurão soccorrer a Princeza.)*

**Fim do 1.º quadro do 1.º acto.**



A  
aqu  
resi  
prio  
adv  
que  
Em  
um

## QUADRO II.

### DO PRIMEIRO ACTO.

#### *A ALMA DO OUTRO MUNDO*

O theatro representa uma salla, cuja entrada é pelo fundo por 3 grandes portas. A' direita do expectador janellas para a praça e á esquerda portas para o interior.

### SCENA I.

*Dose officiaes da guarda estão á roda da mesa, onde acabão de jantar: a mesa está em desordem e só Almenzaga está de pé.*

#### 1.º OFFICIAL

Continuai, continuai, Sr. d'Almenzaga que vossa historia é muito interessante.

#### TODOS OS OFFICIAES

De certo; é muito divertida.

#### ALMENZAGA

Ainda que não esperasse um desfeixo tão tragico, como aquelle de que hia ser testemunha, com tudo oppuz quanta resistencia me foi possivel, fazendo valer meu direito de prioridade; porem tudo foi em vão. Erão dous obstinados adversarios. O combate se engajou. Foi o mais encarnizado que tenho visto, e por muito tempo o resultado foi duvidoso. Em fim o velho venceu e o visconde de Granville recebeu um golpe no peito que lhe atirou o colerico marquez de

Santa Cruz. Meia hora depois deixei a pouzada de Xadraque na occasião mesmo em que o muribundo recebia os sacramentos, de sorte que a esta hora provavelmente sua alma erra por este mundo á espera de que as orações dos fieis a fação subir ao ceo. Pobre francez ! que desgraça ! se elle tivesse vivido, talvez que me houvesse morto ; no entanto, acreditai-me se quizerdes, tenho 36 annos, tenho muitas vezes me achado em togo, tenho dado a morte a mais de um inimigó ; mas a sorte desse infeliz, succumbindo na flor da idade, longe de sua familia de sua patria, e de seus amigos, comoveu-me profundamente. Parece que sempre o estou vendo tão cheio de vida, de esperanças e de alegria, com os olhos lixos nos meus, com esses olhos cuja expressão inda hoje me perturba a meu pezar. Desde então uma só noite não se tem passado, sem que elle me appareça em sonhos. e ainda esta manhã quando me dirigia a palacio, pareceu-me vel-o.

2.º OFFICIAL

Oh ! Sr. d'Almenzaga, que a alma d'esse moço exista errante, concedo ; porém que seu corpo volte a este mundo?... é cousa inteiramente impossivel. O coitado a esta hora está dormindo bem socegado no Cemiterio de Xadraque— Por tanto, senhores, deixemos os mortos em paz, e bebamos á saude dos vivos. Quem me quer acompanhar em um brinde á volta do nosso bravo tenente d'Almenzaga ?

TODOS

Eu !

2.º OFFICIAL

Então enchamos os copos (*cantão*)

Não ha neste mundo  
Ventura tamanha,

Como almudes virar  
Do vinho de Hespanha.  
Bebamos amigos,  
O nectar sagrado,  
Para nossos prazeres  
Foi elle formado.

(Acabando o canto todos gritão.)

Viva o Sr. tenente d'Almenzaga (*virão os côpos*).

(*o visconde de Granville que durante o canto apparece á porta do meio do fundo, avança e quando os officiaes, depois de beberem, põem os côpos sobre a mesa, elle pegu n'um, que fica cheio, e diz*

## SCENA II.

OS MESMOS E GRANVILLE.

GRANVILLE.

Tambem hebo a vossa saude, Sr. d'Almenzaga, tanto neste mundo como no outro. (*Almenzaga que por agradecer ainda não tinha largado o copo, vendo o visconde, deixa-o cahir e fica horrorizado.*)

ALGUNS OFFICIAES.

Quo é isto! que tendes?

ALMENZAGA.

E' elle! é elle mesmo! bem o reconheço! bondade divina! que significa tudo isto?

GRANVILLE.

Com effeito, senhores, sou o visconde de Granville em carne e osso para vos servir.

ALMENZAGA (*benzendo-se.*)

Dizei antes o diabo em pessoa. Ha apenas algumas semanas, que vos deixei morto em Xadraque, e agora venho de novo encontrar-vos em Madrid ?

GRANVILLE.

E esqueccis-vos então de que vos prometti voltar mesmo do outro mundo para bater-me com vosco ? Aqui estou pois, mas como seria bem triste malar, um perfeito cavalleiro como sois, ou ser por vós de novo enviado á região dos mortos, estou prompto a dar-vos todas as satisfações que quizer-des, por ter eu faltado ao respeito a Pacheco (creio que era esse o nome de vosso cavallo) e mesmo a pedir-vos noticias delle.

ALMENZAGA.

\* Ah! o bravo animal deu á casca em viagem.

GRANVILLE.

Morreu com gloria, se foi no serviço do rei e da Sra. princeza. Não fallemos mais nisso, e roguemos para que no paraizo dos burros lhe seja concedida uma boa ração de cevada. Vamos ao que mais nos interessa. Meus fidalgos, o que ha de novo na capital da Hespanha ? continuão as bellas serenatas offercidas ás lindas damas. e os maridos continuão a ser ciumentos ?

ALMENZAGA.

Antes de responder ás vossas perguntas, senhor, tende a bondade de explicar-nos como vos achais aqui, em estado de nol-as fazer?

GRANVILLE.

Nada ha de mais simples. Um cirurgião vosso compatriota julgou-me morto. Esse cirurgião era um besta, e o facto é, que por toda a parte ha muitos, que com elle se parecem ! Enganou-se pois e ali está a chave do enigma. se eu tivesse com effeito morrido, juro-vos, que cá não voltava mais.

ALMENZAGA.

Com tudo essa grande ferida, que recebestes no peito, e que em minha presença vos fez desmaiar, como pôde completamente cicatrizar em tão pouco tempo ?

GRANVILLE.

Pois não vos lembrais de que com quanto eu seja Francês, estou com tudo no paiz, em que foi descoberto o famoso balsamo do valente Ferrabraz, esse balsamo que ate dá vida aos mortos ? Trago d'elle sempre comigo um frasco, como fazia o defuncto D. Quixote, e é unicamente a elle, senhores, quem devo a honra de achar-me agora em vossa presença.

ALMENZAGA (*em meia voz aos officiaes.*)

E' inacreditavel ! Cada vez me confirmo mais em minhas susceitas (*Os officiaes desconfiados fazem signal de assentimento.*)

GRANVILLE.

Parece-me que sois como S. Thomé, que quiz ver para crer. . . . enfim seja como lor de vosso agrado. Pelo que observo, senhores, julgo que vim perturbar vosso agradável passatempo; se assim foi, peço-vos desculpas. D. Felippe d'Almenzaga, quando eu cheguei, estava contando-vos os acontecimentos de quarta feira de trevas na pousada de Xadraque: não deve por minha causa interrompel-os: e até me offereço para refrescar-lhe de vez em quando a memoria, visto haver sido uma das testemunhas.

ALMENZAGA.

Não é preciso, quando chegastes, já havia concluido.

GRANVILLE.

Sem lhe faltar nenhum de seus episodios ?

ALMENZAGA.

Nenhum.

GRANVILLE.

Tanto melhor ; por que a historia é com effeito curiosa. Agora, Sr. d'Almenzaga, poder-me-heis dizer, o que é feito do meu terrivel adversario o marquez de Santa Cruz ? Com a breca ! Que excellente espada ! Antes de conhece-lo, julgava-me forte na esgrima ; porem elle tirou-me a poeira dos olhos , fazendo-me sentir, que eu não era mais do que um simples apprendiz. Com tudo muito estimaria que elle quizesse dar-me segunda lição. Onde diabo poderei encontral-o ?

ALMENZAGA.

Ordinariamente o marquez não habita em Madrid. Esta quazi sempre em um velho castello, que segundo penso, fica para o lado das montanhas de Guadarrama; porem agora voltando de Saragoça, onde foi em romaria, tencionava demorar-se alguns dias em seu palacio.

GRANVILLE.

E esse palacio onde é?

ALMENZAGA.

Seguindo pela rua d'Alcala, antes de chegar ao fim, à esquerda ha um becco: tomando-se por elle, existe no meio um edificio quasi arruinado, e sujo com um portico gothico e sobre elle as armas de Bazan. Esse palacio já foi magnifico no tempo do Imperador Carlos V.; porque essa familia era então rica e poderosa. Hoje porem é pobre e nada mais possui, do que a lembrança de suas passadas glorias. Sua morada acha-se despida, isolada e a herva cresce sobre seus tellos, sem que ao menos o velho marquez a possa fazer arrancar. Se quizerdes fallar-lhe, necessario é procura-lo quanto antes; que daqui a alguns minutos talvez não o possaes encontrar nem em seu palacio, nem em seu castello de Guadarrama.

GRANVILLE.

Para onde pretende elle hir então?

ALMENZAGA.

Segunda todas as apparencias para onde mandão os prisioneiros de estado; para a torre de Segovia.

GRANVILLE.

Grande Deos! N'esse cazo vou correndo (*quer sahir mas volta*) Duas palavras ainda . . . Que fez elle? de que o accuzão?

ALMENZAGA.

De haver morlo um gentil-homem francez, do que elle proprio se jacta:

GRANVILLE.

Pois mente, e eu d'isso sou uma prova viva. Felizmente ainda não está na torre.

ALMENZAGA.

Tambem teve a imprudencia de fallar ao respeito à Princeza.

GRANVILLE.

Faltou ao respeito a S. Alteza? Ah! então o cazo muda de figura e é bem feito, que passe o resto de seus dias no mais escuro calabouço. Agora não me encommodo mais por elle, abandono-o inteiramente à justiça de S. Alteza.

ALMENZAGA.

Senhor, ou eu muito me engano, ou quereis, que a Princeza cicatrise a estocada que recebestes em honra sua?

GRANVILLE.

E porque não?

ALMENZAGA.

E' que escolheis mal para isso a occasião. Uma nuvem carregada obscurece a estrella de vossa compatriota. A Inquisição começa a derrubar seos alliados, e ignorais qual é a novidade do dia? A Princeza pediu á França um Estado, por já estar aborrecida da Hespanha, e quer voltar para Touraine, onde o Sr. de Aubigny seu escudeiro, lhe fez edificar um verdadeiro palacio de Fadas. Daqui a alguns dias a Princeza terá deixado Madrid.

GRANVILLE.

Creio que vos enganais, e se não. . . . estou prompto a apostar o contrario. A Princeza pôde passar, sem a Hespanha, mas a Hespanha não pode passar sem a Princeza.

ALMENZAGA.

Por Nossa Senhora do Pilar, Sr. visconde! Tenho estado com muitos gentis homêns de vossa nação; mas juro-vos que nunca conheci nenhum com mais confiança de que vós.

GRANVILLE.

O tempo vos mostrará, Sr. d'Almenzaga, se eu me engano nos meus calculos; porem mudemos de assumpto, que estes senhores já devem estar aborrecidos, e tratemos de outra cousa. Isto certamente são horas de reza e por tanto, se o consentis, vou collocar-me a uma destas janellas para dali ver passar as vossas damas e comparal-as ás nossas lindas francezas. Quem me quer servir de accessor? Prometto ser juiz imparcial. (*Vai para a janella, os mais o seguem.*)

GRANVILLE (*voltando depois de ter olhado algum tempo.*)

Creio que não valeu apena de encommodar-nos, e ju-

ro-vos que se não estivesse em vossa amavel companhia, voltava já e já para a França. Agora vejo a razão porque as damas hespanholas sahem sempre de mantilha ; se eu fallasse com ellas, havia de aconselhal-as a trazerem véos, uma vez, que elles as encobrissem de todo.

O 1.º OFFICIAL (*com os dentes serrados.*)

Sr. visconde, recommendo-vos que falleis com mais respeito das senhoras hespanholas.

GRANVILLE (*com muito sangue frio.*)

Pois eu recommendo ás senhoras hespanholas, que sejam mais bonitas.

TODOS OS OFFICIAES (*levando as mãos aos copos das espadas.*)

Que audacia !

GRANVILLE (*a principio os olha com semblante carregado, mas logo dá uma gargalhada.*)

Oh ! perdoai-me, cavalheiros, agora me lembro, que não trouxe comigo o meu balsamo de Ferrabraz, e assim só posso bater-me comvosco, em quanto é dia, ao jogo da pella. Quem levanta a minha luva ?

ALMENZAGA (*que tem estado sempre á janella.*)

Sr. visconde mofastes das damas hespanholas ? Ora vinde ver esta.

GRANVILLE (*chega á janella rindo-se.*)

Céos ! (*fica estatico.*)

ALMENZAGA (*entrando alguma cousa para dentro.*)

Vamos, que dizeis ? que tal a achais ? Ella pareceu reconhecer-vos, tanto que ficou vermelha. Tambem não é esta a primeira vez que a vedes ?

GRANVILLE (*sahindo da janella.*)

Seu nome ? . . . seu nome ?

ALMENZAGA.

E' a filha do vosso adversario, é a bella D. Ignez de Santa Cruz.

GRANVILLE.

D. Ignez ? Oh ! meu Deus agora me lembro ; sim, foi ella quem me appareceu na pousada de Xadraque, no momento em que fui ferido ; foi ella, cuja olhar reanimou meu sangue, que refluia ao coração. (*Che assentado meditativo. Neste momento ouve-se fora um grande tumulto, bulha de carruagem, sons de clarins, e tropel de cavallos. Todos correm á janella e Granville despertando (diz.) Que será isto ? (chegou tambem á janella. Todos os officiaes logo que chegaram á janella descobrem-se com respeito só Granville continua a olhar para fora com o chapéo na cabeça.)*)

ALMENZAGA.

Tirai o chapéo, Sr. visconde, acaso quereis imitar ao marquez de Santa Cruz ? para isso seria necessario que fosseis grande de Hespanha.

GRANVILLE.

Pois o que é ? E' o infante, ou o rei ?

ALMENZAGA.

E' mais que todos os dois, é a princeza.

GRANVILLE.

A princeza! (*Vai tirar o chapéo com tanta pressa que lhe cahê na rua*). E está? lá me cahio o chapéo. (*Todos debrução-se para olhar*.)

ALMENZAGA (*a Granville*.)

E como S. Alteza vos encara? . . . Faz parar a carruagem! manda apanhar vosso chapéo! . . . Leva-o comsigo, o seu pagem para aqui se derije!

GRANVILLE (*a todos que sahem da janella*.)

Com effeito, agora me confesso vencido. A princeza é a maior formosura que hei visto em toda a minha vida!

### SCENA III.

OS MESMOS E UM PAGEM DA PRINCEZA.

PAGEM (*a Granville*.)

Senhor, S. Alteza a Sra. princeza, manda dizer, que se quizerdes o vosso chapéo, deveis hir buscá-lo em pessoa a manhã pela manhã ao palacio de Medina-Caeli. S. Alteza quer entregar-vo-lo em mão propria.

GRANVILLE (*inclinando-se*.)

Asseverai a S. Alteza, que fielmente cumprirei as suas ordens.

ALMENZAGA (*aos officiaes que estão admirados.*)

Então que vos dizia eu ?

GRANVILLE (*a si mesmo á parte.*)

Emfim ! Está dado o primeiro passo.

ALMENZAGA (*aos officiaes.*)

Decididamente é o diabo em pessoa debaixo da figura de um fidalgo francez.

**Fim do 2.º quadro e 1.º acto.**



## ACTO II.

### QUADRO I.

#### *O CAMARIM DA PRINCEZA.*

O theatro representa um rico camarim com os moveis proprios do tempo de Felippe II. No fundo tres portas com ricas cortinas, que dão entrada geral. Do lado direito do expectador portas para o gabinete e quarto de dormir da princeza e do lado direito janellas para o jardim. Do lado das janellas está em uma grande poltrona assentada a princeza ricamente vestida, e diante della estão duas creadas tambem ricamente vestidas, que segurão em um toucador. Por detraz dellas estão quatro camaristas uma acabando de indireitar-lhe o penteado, outra a por-lhe os brincos, outra o collar, e outra finalmente as pulseiras.

#### SCENA I.

#### A PRINCEZA.

Vamos, acabem com isto. Que insupportavel lentidão? E como hoje me vestirão mal? Oh meu Deos! tenho tantas camaristas, e nenhuma tem o cuidado de ver o que mais me assenta! Endireitem esta flor... abaixem mais a hombreira deste vestido.

*Um pagem levanta um dos reposteiros do fundo, e chega nas pontas dos pés junto da princeza.*

PAGEM

O Sr. cura Alberoni ha mais de uma hora está a espera, que V. Alteza lhe queira fallar.

PRINCEZA (*assustando-se.*)

Quem é ? que me querem ?

PAGEM.

E' o Sr. cura Alberoni, que ha mais de uma hora espera para fallar a V. Alteza.

PRINCEZA.

Mas bem sabeis que não quero fallar a ninguem, à excepção desse fidalgo chegado á pouca de França.

PAGEM.

Senhora, o Sr. visconde de Granville, ainda não appareceu, ao passo que o Sr. cura Alberoni não tem cessado de vir a palacio informar-se da vossa preciosa saude. O Sr. principe de Chalais, e o senhor duque de Bournoville sabendo quanto V. Alteza estava triste, de proposito aqui o mandarão para distrahir-a por alguns instantes. A sua conversação e tão alegre ! V. Alteza me perdoará : porém eu julgo, que sua presença lhe faria algum bem.

PRINCEZA (*com despeito.*)

Pois faze-o entrar.

PAGEM.

Vou obedecer-vos (*vai se.*)

PRINCEZA.

Nem posso estar só, quando quero !... que vida !

SCENA II.

AS MESMAS E ALBERONI

ALBERONI (*logo da porta.*)

Diviníssima Princesa, consenti, que o mais devotado e o mais humilde de vossos servos vos signifique os joelhos *(ajuda-se)* seu reconhecimento pelo insigne favor que lhe concedeis em admitil-o ao vossa camarim verdadeira residência das graças. Subo com muito pesar do encontro terrível que hañtem vos assallou: porém o Sr. Hygheus, apesar de velho, feio, e sobre tudo de ter a desgraça de ser irlandez, e o melhor esculapio do mundo, pôz-teve a fortuna de promplamente restabelecer-vos.

PRINCEZA (*estendendo a mão a Alberoni.*)

Levantai-vos, bom cura.

ALBERONI.

Não, não, antes que me levante, permitti que vos recite uma pequena poesia que fiz às vossas melharas. Eil-a *(dá um papel)*.

PRINCEZA.

Prefiro lel-a eu mesmo: assim melhor apreciarei vossos bellos versos. Dai-ma.

ALBERONI (*levantando-se.*)

Como quizerdes, Princesa (*dá-lhe o papel e beja-lhe as mãos.*)

PRINCEZA.

Agora, em quanto acabo de vestir-me, assentai-vos a meu lado, e conversemos como bons amigos. *(O cura assenta-se)*. O que ha de novo em Madrid?

ALBERONI.

Novidades em Hespanha! Esquecei-vos por ventura de que este paiz, sendo de antiguidades, tem precisão de annos e annos para ver alguma cousa de novo? Fallai-me da minha Itália, da vossa França. Isso sim; que differença! A proposito de França. Assegurão, que chegou um correio de Versalhes, e que trouxe despachos da maior importancia! A este respeito correm mil versões diversas.

PRINCEZA *algum tanto inquieta.*

E o que se diz?

ALBERONI.

Nem valle a pena referir-o.

PRINCEZA.

Contai-m'o sempre.

ALBERONI.

Pois bem, ja que o quereis. . . . mandai então retirar vossas criadas.

PRINCEZA.

Não e preciso, uma vez que se trata de rumores publicos. Demais ainda não acabei de vestir-me. E certamente não sereis vós quem me ha de atacar os botões.

ALBERONI.

E porque não ? V. Alteza veria que não sou desageitado.

PRINCEZA.

Sei que sois um homem encyclopedico. O defuncto duque de Vandome m'o disse muitas vezes.

ALBERONI.

E V. Alteza não deseja por si mesma verificar ?

PRINCEZA (*cortando a conversa.*)

Não, Sr. Cura, vamos ás novidades.

ALBERONI.

O que mais tem contristado toda a cidade, é a noticia de que V. Alteza quer deixar a Hespanha, para ir tomar posse de um Estado que a França lhe concede.

PRINCEZA (*sorrindo-se.*)

Se todas as noticias forem como estas, bem podeis dispensar-vos de m'as dar. (*A uma das criadas*). Esta garganilha está horrivel; ide buscar outra. (*A Alberoni*). Meu Cura, força é dizer-vos, que pouco acredito no pezar dos Madrilenses. Conheço quão pouca sympathia tem aqui merecido uma estrangeira, que não tem podido conformar-se com os costumes da nação que lhe deu hospitalidade. Oh ! mas como poderia nunca esquecer-me, debaixo do céu de Madrid, de que sou franceza ? A gravidade e frieza castelhana quiz juntar alguma porção da nossa alegria espi-rituosa d'alem dos Pireneos, porém isto foi considerado um crime aos olhos dos hespanhóes, e e bem natural que o espie.

ALBERONI.

Pois que, senhora! Será com effeito verdade que V. Alteza pretende saber da Hespanha?

PRINCEZA.

Por ora nada de positivo a esse respeito posso dizer-vos.

ALBERONI.

E com effeito a França vos concede um Estado?

PRINCEZA.

Tomai sentido, meu Cura, vede que estaes invertendo os papeis. Em vez de interrogado, sois agora quem me interrogais, e parece-me que era eu, quem ainda ha pouco vos pedia que me respondesseis.

ALBERONI (*embaraçado.*)

Desculpai-me, senhora, desculpai-me. O interesse que sinto por tudo quanto vos diz respeito. . . .

PRINCEZA.

Tranquillizai-vos; não ficarei mal com vosco por isso; para provarvo-lo, vou pedir-vos um conselho acerca de um negocio da mais alta importancia para este reino. Porém dizei-me primeiro, visto que sois um homem de gosto, como achaes o meu penteado?

ALBERONI.

Encantador, maravilhoso, senhora! mas o conselho, que quereis que eu dô? . . .

O PAGEM *(abrindo o reposteiro da porta do meio do fundo.)*

O Sr. visconde de Granville.

*(A princeza sente um choque, e faz signal para que todas as criadas se retirem.)*

PRINCEZA *(a Alberoni.)*

Sr. Cura, podeis retirar-vos : em outra occasião continuaremos esta conversa.

ALBERONI *(levantando-se contrariado.)*

*(A parte.)* Inferno ! quem será este maldito que vem perturbar-me, quando eu ia . . . oh ! eu saberei ! *(alto.)* Sra, princeza, o céu vos guarde *(beija-lhe a mão e vai-se pelo fundo á esquerda)*

### SCENA III.

A PRINCEZA E GRANVILLE.

*(Granville vem vestido com muita elegancia, mas sem chapéo, chega ao pé da princeza cumprimenta-a com muito respeito, e feca com os olhos baixos.)*

PRINCEZA *(depois de o haver examinado por algum tempo em silencio.)*

Então, senhor, estaes mal comigo, por vos haver obrigado a estar sem chapéo desde hontem ? Se vos tivessesseis endefluxado certamente sobre mim lançareis a culpa, não é assim ?

GRANVILLE (*enthusiasmado.*)

Ah! senhora, bem pelo contrario. Permitta V. Alteza que eu comece por testemunhar-lhe todo o meu reconhecimento, por dignar-se conceder-me o precioso favor de admitir-me á sua presenca, V. Alteza neste ponto nada mais fez do que antecipar meus desejos os mais ardentes.

PRINCEZA.

E julgais que para isso não teria eu um motivo poderoso?

GRANVILLE (*interrompendo.*)

Que para mim deve certamente ser um mysterio.

PRINCEZA.

Não! . . . . oh! . . . . não! porque quanto mais vos encaro mais semelhanca vos encontro com um fidalgo que em outro tempo conheci na Italia, e que tambem tinha o vosso nome.

GRANVILLE.

Esse fidalgo, senhora, foi meu pai.

PRINCEZA (*surpresa.*)

Vosso pai? (*aparte*) não me enganei! (*alto*) E sois então esse mancebo que julgarão morto em consequencia de um duello com o marquez de Santa Cruz, por haverdes defendido com tanta coragem a minha reputação? Meu Deus! sede mil vezes bendito!

GRANVILLE.

E quem foi, senhora, que tão depressa vos contou?

PRINCEZA.

Pois acontece alguma cousa em Hespanha sem que eu o saiba? (*Entrega-lhe uma carta que esta sobre a mesa.*) Aqui tendes, lêde.

GRANVILLE (*recebendo o papel.*)

(*A parte.*) Abençoado duello! fez-me conseguir os meus intentos. (*Alto lendo.*) O fidalgo acerca do qual V. Altesa deseja obter as mais precisas informações, chegou de França. Apenas pisou na Hespanha, na hospedaria de Xadraque batteu-se em duello com o marquez de Santa Cruz, que ousou attacar publicamente a honra e o nome sem mancha de V. Altesa, e foi tão perigosamente ferido, que o julgáram morto. (*Fallando, porem á parte.*) Eu fiz de proposito espalhar que a ferida era grave atim de que mais depressa viesse ao seu conhecimento. (*Continua a ler alto.*) Chegando a Madrid, ha tres dias foi morar no palacio do embaixador de França. Dahi sahii apenas duas vezes: a primeira foi para levar officios ao palacio de Medina Cœli, e a segunda hontem á tarde, para ir ao jogo da pélla, onde se reuñem de ordinario os officiaes da guarda. Depois disso voltou só para a sua habitação . . . (*fallando.*) Com effeito, senhora, não pôde haver maior exactidão, não disse repa n'uma só virgula.

PRINCEZA (*rindo-sc.*)

Já vedes que a minha policia é boa.

GRANVILLE.

Excellenté, e por ali concluo que ha alguns pontos de contacto entre Pariz e Madrid, mas por honra desta cidade, quero convencer-me de que o seu intendente geral não é tão feio como o Sr. d'Argenson.

PRINCEZA.

Quem dera que fosse como elle tão perspicaz e tão habil ?

GRANVILLE.

A regular por estas notas, V. Altesa não me poderia dar melhor historiographo.

PRINCEZA.

Agora podeis queimar esse papel, (*Designa-lhe um braziro que está em um canto do camarim. Granville obedece e quando volta continua a princeza*) Que pretendeis faser em Hespanha, uma vez que finda a vossa missão nenhum outro motivo aqui vos delem ?

GRANVILLE (*rindo-se.*)

V. Altesa deve-o saber tão bem como eu. Perguntai-o a vossa policia.

PRINCEZA.

A vosso respeito nada mais quero incumbir aos meos espias.

GRANVILLE.

Nesse caso dignai-vos lançar os olhos sobre esta carta, que vos envia a Sra. marquezã de Mentainon. (*Dá-lhe uma carta com obrãa preta.*)

PRINCEZA (*lendo.*)

« O portador desta carta é o visconde de Granville, cuja familia, se não me engano, conhecestes em outro tempo em Italia. (*Suspira e diz aparte*) Ha lembranças que

nunca se apagão ! E como é que ella tambem o sabe ? . . .  
(*Alto continuando a ler*). Ficando orphão de tenra idade, o  
o Sr. de Granville ficou tambem sem fortuna, e portanto  
cumpre-lhe procural-a. Em taes casos lembrei-me de re-  
commendar-vo-lo, para ver se o podéis admittir ao ser-  
vico do rei de Hespanha, hoara de que o tornao digno seu  
espirito e nascimento. Espero que elle corresponderá a  
minha expectativa, e que nunca me dará occasioes se nao  
de bem dizer a hora em que para convosco contraí novos  
titulos ao meu eterno agradecimento. Sou vossa muito  
humilde e obediente serva — Francisca d'Aubygné, mar-  
queza de Mentairon. — (*Fica pensativa por algum tempo,*  
*depois diz dirigindo-se a Granville*) A carta que me trou-  
xestes é para mim de grande valor, porém já o facto de ha-  
verdes exposto a vida por meu respeito, e sobre tudo o no-  
me que tendes, me forção a cuidar de vosso adiantamento.  
Outr'ora tive estreitas relações em Italia com vossa fami-  
lia : em Roma, onde vosso pai, de quem sois fiel retracto,  
linha fixado sua residencia . . . . onde vossa mãe . . . . tao  
bella . . . . tão digna d'estima, d'amor e de veneração, era  
uma das minhas melhores amigas. Todos dous morrerão  
bem moços e de uma maneira bem mysteriosa !

GRANVILLE.

Assim me contarão, senhora.

PRINCEZA (*com embaraço.*)

E naturalmente . . . . meu nome . . . . andou de en-  
volta com esses boatos a respeito da morte tragica de  
vossa mãe, não é assim ?

GRANVILLE

E' verdade, senhora, mas quando mesmo eu houves-  
se acreditado o que de vós me disserão, hoje, depois que  
tive a fortuna de ver-vos, me convenceria do contrario.

PRINCEZA (*quasi supplicante*):

Com sinceridade, visconde?

GRANVILLE (*fazendo um esforço*):

Com sinceridade, senhora?

PRINCEZA

Bem, quero crer-vos. Sôis ainda muito moço para mentir, sobre tudo quando se trata de semelhantes lembranças. E' preciso extinguil-as: fallemos de outra coiza.

GRANVILLE.

Como V. Alteza quizer.

PRINCEZA

Chegais de França. Sede sincero comigo. O que lá se pensa, o que se diz acerca dos negocios da Hespanha?

GRANVILLE.

Que vão muito bem, e que não podem estar em melhores mãos do que nas voßas.

PRINCEZA

Tão moço e ja tão corlezão?

GRANVILLE.

Digo-vos a verdade senhora.

PRINCEZA

Duvido, mas em fim não é de mim que se trata. Que coneito fazem em França do rei Philippe V. ?

GRANVILLE.

Todos o julgão corajozo, cheio de bondades, e digno do throno que occupa.

PRINCEZA

Destá vez acredito-vos sem difficuldade. Mas é tudo quanto dizem delle? Não acrescenção que não é tão feliz como deveria sel-o? Ao menos não o pensais assim?

GRANVILLE.

Senhora, para decidir esta questão necessario fora, que eu, como vós, estivesse na intimidade do rei. Tudo quanto ouvi dizer foi que elle sentira muito a morte da rainha, e que depois disso vive completamente retirado. Porem como ainda é moço tarde ou cedo um novo casamento....

PRINCEZA

Em vosso entender então, o rei tem necessidade de contrahir novas nupcias?....

GRANVILLE, *(abaixando a cabeça com modestia)*

Eu não disse isso inteiramente.

PRINCEZA

Pois eu não sò o penso, como claramente o digo, e depois de haver meditado profundamente, sò vejo na Europa trez princezas que estejão no caso de occupar o throno de Hespanha. A 1.ª é a infante de Portugal, a 2.ª a princeza de Baviera, a 3.ª finalmente, e a que eu preferiria talvez, é a archiduqueza d'Austria. Se tivesséis de optar entre estas trez Sr. de Grauville qual escolherieis?

GRANVILLE.

Uma vez senhora que tendes a bondade de consultar-me, a mim, que nada valho, dir-vos-hei com franqueza, que nenhuma das trez.

PRINCEZA.

E' possível ! a quem escolherieis então ?

GRANVILLE.

Desculpai-me ; isso é o meu segredo.

PRINCEZA.

E não me julgais digna de ser vossa confidente ?

GRANVILLE.

Se o ordenais, eu o declararei ; mas com a condição de que a ninguém o reveclareis.

PRINCEZA

Fallai, dou-vos a minha palavra.

GRANVILLE

Se eu tivesse voto deliberativo, a minha escolha recahiria sobre vós. *(A princeza perturba-se, levanta-se, tira do seu corpinho um laço de brilhantes, pregu no chapeo de Granville, e com suas proprias mãos surrindo-se, th'o põe na cabeça. Granville que está ja de joelhos, beija a mão da princeza.)*

PRINCEZA

Agora, senhor visconde, podeis retirar-vos.

GRANVILLE (*aparte*).

Ainda bem que ja não podia fugir. (*Comprimenta e re-  
tra-se: no chegar à porta, volta-se e diz alto*) V. Alteza  
concede-me a honra de procural-a algumas vezes ?

PRINCEZA.

Todas as que quizerdes. Vou ja dar ordens para sempre  
se vos franquear a entrada.

GRANVILLE.

Então sera todos os dias, ja que V. A. assim o consente.  
*raize*).

PRINCEZA (*só*)

(*depois de olhal-o por muito tempo*)

Agora a sorte está lançada. Serei rainha, reinarei na  
Hispanha! (*p. assia*). Reinar! palavra magica, que cedia  
em toda a minh'alma! reinar! obter o poder supremo! oh!  
ninguém pode bem comprehender o que isso seja! Reinar é  
ser Deus sobre a terra, é fazer debrar ao mais leve aceno  
todas as ventades diante da sua, é satisfazer todos os seus  
desejos, todos os seus caprichos. E' não conhecer igual no  
mundo. E' poder dizer. Tudo quando existe me pertenc-  
ce, o homem sobre a terra, o navio sobre as ondas, e o  
volatil no espaço. O querer é a lei de quem reina. Todas  
submissos o servem, todos o glorificão. Quem lhe resiste é  
um traidor. Ninguem se atreve a accusal-o, antes é o rei-  
nante o juiz soberano dos poderosos, e dos juizes. Ah! inda  
mesmo que todos os elementos se conspirassem contra mim  
realisaria meos sonhos de ambição, ou então de baixo debic-  
ficaria completamente anniquillada.

SCENA IV.

A MESMA e o REI *(que apparez a uma das portas da esquerda).*

REI

Princeza, o marquez de Santa Cruz ja esta soffrendo o merecido castigo. Por minha ordem ha ficou encerrado em seu palacio.

PRINCEZA *corre a elle e ajoelha;*

Senhor, a clemencia sempre foi o mais bello attributo da realza: por taato eu supplico a V. M. que perdoe ao marquez como eu propria lhe perdou-o.

REI *(admirado).*

Oh meu Deus! que repentina mudanca!

**Fim do 1.º quadro do 2.º acto.**

## QUADRO II.

### O VINHO FAZ FALAR

O theatro representa um gabinete em casa do cura Alberoni. Veem-se sepalhadas na maior desordem, cadeiras, mezas, livros, mappas etc. na bocca da scena e de um lado está uma meza arranjada com muito luxo, e accio e illuminada por dois candelabros. Muitas garrulas do vinho, e de diversas qualidades. (Noute)

### SCENA I.

ALBERONI, só (com um papel na mão)

Obtive-o enfim! (*mostrando o papel*) é a sua mais exacta chronica! e quem hade de dizer que recibi-a directamente de França? Oh! não ha duvida! esta nação é a unica que pôde competir com a minha em negocios de diplomacia. Antes de fazel-a espalhar pelo palacio e pela Hespanha, quero ouvir o Sr. visconde de Granville, esse moço que pretende lucrar braço abraço comigo em ardis, e disfarces; comigo! que de pobre e simples cura, fui escolhida de proposito para dar sotta e az aos mais afamados diplomatas da Europa! Ah! Sr. visconde, hoje cahireis nas redes que vos tenho preparado, e ali está (*aponta para as garrafas*) quem vos hade obrigar a tudo dizer-me.

UM CRIADO.

O Rv. Padre Robinet quer fallar-vos.

ALBERONI.

Que entre (*o criado vai-se*) Agora me recordo de que havia promettido mostrar-lhe o meu precioso manuscripto.

SCENA II.

O MESMO E ROBINET. (*entrando.*)

Sr. Cura, com quanto tivesse muito que fazer, e a hora me seja demasiadamente encommoda, com tudo não pude deixar de procurar-vos para conhecer os antecedentes d'essa mulher que tanto mal tem feito á monarchia, e que ainda promette cauzar-lhe maiores. Tendes á mão o papel em que me fallastes?

ALBERONI.

Eil-o, d'esde que o recibi, trago-o sempre comigo.

ROBINET.

Dai-mo.

ALBERONI.

Esperai, eu mesmo quero lel-o.

ROBINET.

Então aviai-vos, que meus momentos estão contados, não posso perder um só instante.

ALBERONI.

Em verdade nunca vos vi tão apressado? que negocio e esse tão urgente?

ROBINET.

Pois não sabeis? Hoje pelas 11 horas é a grande reunião do marquez de Santa Cruz; e todos contão comvoseo

ALBERONI.

Ah ! isso sabia eu ; mas ainda não são 9 horas, e temos sobrado tempo.

ROBINET.

Pelo que vejo esperais convivas.

ALBERONI.

Um apenas ; porem creio que depressa o despacharei.

ROBINET.

Com tudo vamos á leitura, que estou anciozo.

ALBERONI.

Ora assentemo-nos e ouvi : *(Traz duas cadeiras para a boca da scena e assentão-se)* *(fallando)* eu lerei somente a parte que diz respeito á senhora princeza. *(lendo)* Anna Maria de la Tremouille de Noirmontur, (depois princeza) descendente de uma das mais illustres familias da França, foi casada em primeiras nupcias com Adriano Blaise de Talleyrand, principe de Chalais. Destinada pelos dotes do corpo e da alma a ser um dos mais bellos ornamentos da corte de Luiz XIV, teve no entanto de partilhar o exilio de seu marido em consequencia do famoso duello d'este com la Frette, Saint'Aignan, e d'Argenlieu. Pouco tempo depois ficando viuva resolveu fixar a sua residencia em Roma, onde os cardeaes de Bouillon, e d'Estrées se tinhão declarado seus proctetores. Ah! pelos seus encantos e atractivos subjugou mil corações, e bem depressa na cidade eterna não se fallava se não nos triumphos da divinal franceza.

ROBINET.

D'isso tenho eu lembranças ; por esse mesmo tempo, she achava em Roma.

ALBERONI (*continuando.*)

A despeito porem de seus protectores, teve ella de escolher um novo espozo e d'entre centenares de nobres, que em silencio suspiravão pela posse de sua mão, a escolha recahiu sobre o velho duque de Bracciano, chefe de uma illustre caza, e um dos mais ricos e mais considerados de toda a Italia (*com ironia*). Este feliz mortal, pouco tempo gozou de sua ventura, ate que em meados do anno de 1690 deu a alma ao credor, amaldiçoando a hora em que havia conhecido sua formosa consorte. No anno precedente porem de 1689, pelo mez de junho, chegou a Roma um fidalgo francez, parente do embaixador, levando consigo sua mulher, sendo ambos de belleza jamais vista. O fidalgo chamava-se visconde de Granville. Apenas a duqueza de Bracciano concluiu o luto, tomou tal amizade á viscondessa de Granville, que pareciao mais irmãs do que amigas. Nos passeios, nos bailes, nos theatros, em fim nas Igrejas não se via uma sem outra. Todos admiravão tão inalteravel harmonia. A viscondessa concebeu, e quando com o maior prazer esperava a ventura de ser mãi, a sua querida amiga declarou que, estando sofrendo em sua preciosa saude, os medicos lhe aconselhavão os ares do campo, e n'essa mesma occasião o visconde foi chamado a Patiz pelo seu governo.

ROBINET.

(*Que notavel coincidencia !*)

ALBERONI.

Depois das mais ternas despedidas cada um foi para o seu destino. A infeliz espoza solitaria por alguns dias

supportou todos os horrores da saudade, até que enfim mais não podendo, a despeito de seu estado, resolveu-se hir em busca de seu marido. Sahindo de Roma, fazia pequenas jornadas, mas no terceiro dia, sentindo-se proxima a dar a luz, fez alto na estalagem dos Appeninos. A locandeira em vão quiz persuadil-a de que só tinha um quarto decente e que esse mesmo achava-se occupado por uma senhora em iguaes circumstancias. A isto respondeu a viscondega que essa senhora podendo por si mesma avaliar seus soffrimentos, não lhe negaria um canto de seu aposento, e empurrando a porta... entrou, mas qual não foi o seu assombro, quando reconheu a duqueza sua amiga deitada em um leito, e o visconde seu marido de joelhos a seus pés! Um grilo de desespero foi tudo quanto se lhe ouviu, e no dia seguinte dois feretros, um de mulher e outro de criança, se dirigirão para o cemiterio publico.

ROBINET.

É a uma semelhante mulher, a quem estão confiados se desígnos da Hespanha? Sr. cura, agora mais que nunca é necessario que apressemos o despeicho, tanto mais, quando já se falla no cazamento do rei.

ALBERONI.

No cazamento do rei?

ROBINET.

Sim, jacta-se o francez de que o rei prometterá cazamento a prínceza.

ALBERONI.

Estes francezes são ordinariamente mui vaidosos.

ROBINET.

Asseguro-vos qu'è ha para erel-o algum fundamento. . . enfim, eu vou para o palacio de Santa Cruz e lá vos espero sem falta. Conto com vosco.

ALBERONI.

Ale à morte (*Aperta-lhe a mão e Robinet vai-se.*)

### SCENA III.

ALBERONI (*so*)

Pois já se trata publicamente do casamento do rei? E eu que estava muito descansado! vamos, mãos à obra, que não ha tempo a perder. (*Corre a uma mesa onde ha tinteiro e escreve*). Senhor, na ultima viagem, que fiz a Parma recorde-me de ter visto no jardim do vosso palacio uma menina cheia de graças e de encantos, que me disserão ser vossa sobrinha. V. Alteza poderia obter um chapéu de cardeal para quem offerecesse a ella a coroa de Hespanha e das Indias? (*Depois de fechar esta carta toca uma campainha e um criado apparece*). Vai já preparar te para seguir viagem a toda a brida. Sem que pares em parte alguma chegarás a Alicante. Ali debes embarcarte no primeiro navio, que se fizer de vella para Genova, de onde tomarás o caminho de Parma com a mesma promptidão. Apenas chegado, dirige-te a palacio e sejam que horas forem, dize, que queres fallar a S. Alteza o Sr. duque de Parma. Entrega-lhe esta carta em mão propria, a elle só, entendes? Se houver resposta, espera-a. Vai, parte, e lembrate, de que tens em tuas mãos a fortuna de teu amo. (*O criado saúda-o, e parte*) Tenho o meu plano na cabeça, e se o que penso do visconde de Granville não é falço, nenhum obstaculo se me lançará de travez.

Eu serei o instrumento de sua vingança, mas elle tambem servirá ao projecto de minha ambição. Agora tratemos da ceia, que elle não pode tardar : veremos como se tira de taço, que lhe preparo.

#### SCENA IV

ALBERONI E GRANVILLE.

GRANVILLE (*entrando.*)

Querido cura, como era esperado, julguei que não me devia lazer annunciar, até porque já é algum tanto tarde.

ALBERONI.

Sim, meu caro visconde, ha mais de meia hora, que eu já podia estar gosando de vossa apprasivel companhia, porem não importa, a demora certamente mais havia aguear nosso appetite, e nesse cazo vamos para a mesa recuperar o tempo perdido.

GRANVILLE.

Pois vamos que ás 11 em ponto, tenho de retirar-me. (*vão para a mesa.*)

ALBERONI.

Devemos começar por um brinde.

GRANVILLE.

A S. Alteza a Sra. Princeza, sendo a essa eslois prompto.

ALBERONI.

E porque não? Que viva a Sra. Princeza, e que seja muito feliz na Hespanha.

GRANVILLE.

São esses os meus voitos. (*Granville viva o copo mas Alberoni finge que bebe*). O lá Sr. cura, que é isto? não hebeis?

ALBERONI.

O primeiro ja la vai, este é nova reforma.

GRANVILLE (*á parte.*)

O maldito macarroni enxuga n um abrir e fechar de olhos.

ALBERONI.

Agora vou servir-vos desta bella truta.

GRANVILLE.

Mas isto já está fora das nossas convenções, bom cura. Convidastes-me para uma ceia á italianná, e esse prato é guisado inteiramente hespanhol.

ALBERONI.

Convenho, porem é sempre preciso começar-mos respeitando os costumes do paiz, onde nos achamos (*á parte*) Este molho desafia mais o beber.

GRANVILLE.

Seja como quizerdes. (*Recebe o prato e começa a comer.*)

ALBERONI.

Agora deveis provar deste velho Málaga. (*Deita-lhe o vinho.*)

GRANVILLE.

Venha lá o Málaga. A' vossa saude, dignissimo representante do gran duque de Parma. (*Bebe, Alberoni finge que bebe.*)

ALBERONI.

Quereis provar desta empada inteiramente á italiana? vou servir-vos.

GRANVILLE.

Certamente, tenho muita queda por tudo quanto é italiano, a excepção das moças e dos vinhos, que gosto mais dos francezes.

ALBERONI.

E eu que os tenho excellentes! Ora vou dar-vos um copo de champanhe, como o proprio duque de Orleans não o bebe melhor (*da-lhe um copo*).

GRANVILLE.

A côr não engana. Ainda um brinde á mais bella das bellas, á futura rainha de Hespanha (*Bebe e começa a ficar em torpôr depois de alguns instantes.*) O vosso vinho cura, é forte de mais, creio que já me vai subindo á cabeça.

ALBERONI.

Isso é desconfiança. Ora provai deste lacrima Christi que é tudo quanto ha de mais superior.

GRANVILLE (*levantando-se*).

Nada, agora não bebo mais, necessito de ter a cabeça inteiramente livre (*vem para a scena.*)

ALBERONI (*seguido-o.*)

E então para que? teremos alguma conquista? Oh! isso bem se deiva ver! os francezes são tão emprehendedores!

GRANVILLE.

Não vo-lo negarei, porque começais a merecer-me confiança; mas nada digais a pessoa alguma, e sobretudo a princeza, prometteis-me?

ALBERONI.

Dou-vos a minha palavra.

GRANVILLE.

Então sabeí, que estou louco de amores por D. Ignez de Santa Cruz.

ALBERONI.

A filha do marquez? Ah! é dessa maneira, que pretendeis vingar-vos da estocada, que elle vos deu?

GRANVILLE.

Eu lembro-me mais de estocada? Sei que a amo, como nunca amei. Oh! as circumstancias em que ella me appareceu pela primeira vez, forão muitos solemnes para que as esquecesse, e até creio, que se hoje vivo, só a ella devo. Sim, meu cura, quando com o peito varado pelo marquez

de Santa Cruz, eu estava estirado sobre um banco na bonzada de Xadraque, ella me appareceu cheia de inefavel ternura, e seu meigo olhar penetrando aavez de minha alma, n'ella se espalhou, como um balsamo ceeste que cicatrizou minha ferida. Eu proprio a vi de joelhos rogando a Deos por mim e desde então fiquei julgando ser ella o meu anjo da guarda, apezar de ser seu pai o meu mais mortal inimigo.

ALBERONI.

E que vos importa o pai, quando a filha é sensivel aos vossos rendimentos?

GRANVILLE.

Alto lá Sr. cura. Nada de calumniar a D. Ignez. Ella é tao virtuosa, quanto é linda, e por vergonha minha, devo confessal-o, que até o presente não me tem dado direito de ajuvidal-o.

ALBERONI.

Estaes gracejando.

GRANVILLE.

Juro-vos pela minha honra. Depois de immensas difficuldades, e de rondar seu palacio infructiferamente por muitas noites, o mais que pude conseguir foi mandar-lhe um bilhete por uma especie de guarda portão, que tem o Marquez; porem esse mesmo ficou sem reposta.

ALBERONI.

E o que me darieis, se eu vos desse um meio seguro, de penetrar no palacio de Santa Cruz, e ver-D. Ignez?

GRANVILLE.

Cara, quereis brincar ?

ALBERONI.

Fallo serio.

GRANVILLE.

Se assim fosse, meu reconhecimento. . .

ALBERONI.

Quereis fazer comigo cauza commum ?

GRANVILLE.

Para que fim ?

ALBERONI.

Para a vossa vingança.

GRANVILLE (*admirado.*)

Minha vingança! e quem vos disse que eu queria vi-  
gar-me ? (*Dão 11 horas em um relógio de igreja*)

ALBERONI.

São 11 horas, e não ha um momento a perder com fri-  
volas explicações. Quereis ou não penetrar no palacio de  
Santa Cruz e ver D. Ignez ? Se quizerdes, associai-me aos  
vossos projectos. Depois tudo vos explicarei.

GRANVILLE (*depois de pensar.*)

Em fim, a despeito do que geralmente de vós se julga,

tenho certeza de que sois ambicioso, e portanto só a ambição será vosso fim. Estou pelo contracto. O que devo fazer para ver D. Ignez?

ALBERONI.

Dirigi-vos á porta principal do palacio ; o qual deve estar na mais completa escuridão. Abi batei duas pancadas compassadas. Logo que ouvir-des duas iguaes da parte de dentro, dizei em meia voz — A virgem e o reino de Aragão. — Immediatamente vos abrirão; deixai-vos conduzir que pouco depois D. Ignez virá lallar-vos, mandai-a chamar pelo vosso conductor.

GRANVILLE.

Bem, farei tudo quanto me dizeis.

ALBERONI.

Parti, visconde, e o céo vos proteja.

GRANVILLE.

Vossa mão, e o meu eterno reconhecimento. (*vai-se*.)

## SCENA V.

ALBERONI (só.)

Sua prisão me é necessaria, mas será por pouco tempo porque vou ja dar-lhe com o contra. (*Põe o chapéo e sahe precipitadamente*).

**Fim do 2.º quadro e do 2.º acto.**

# ACTO III.

## QUADRO I.

### *A EMPBEVISTA.*

O Theatro representa uma velha sala no palacio do marquez de Santa Cruz. A esquerda do espectador há uma grande porta d'escultura, que deve parecer macissa, sobre a qual vê-se as armas de Bazan. No fundo em frente ao publico há um estrado com um velho docei de veludo encarnado; porém já muito estragado; em frente d'esse docei em cemicirculo algumas cadeiras pezaças e velhas. Em baixo do docei há uma pequena meza, e sobre ella de maneira que possa ser bem vistos uma cruz e um punhal. Ao lado do docei umas janellas gothicas. Do lado direito do espectador outra porta que communica com o interior. Noite completa.

### SCENA I.

GU. REALZ. *(com uma lanterna na mão sahindo do interior.)*

São horas de illuminar o salão que os convidados não podem tardar, pois disse o Sr. marquez de Santa Cruz que comparecerião as 11 horas. *(Batem á porta da entrada duas paçadas compassadas)* Oh! quem será? Não esperava, que viessem tão cedo. Devo acender primeiro ou abrir? *(Batem segunda vez)* Devo abrir, que quem é, tem pressa. *(vai á porta)* Quem está ali?

GRANVILLE *(fóra)*

A Virgem e o Reino de Aragão.

GIL PERES

Deu a senha, devo franquear-lhe o ingresso (*abre!*)

## SCENA II

O MESMO E GRANVILLE.

GRANVILLE (*reparando para a sala.*)

(*A si mesmo.*) E esta! para uma entrevista amorosa, ser recebido neste salão, me parece demaziado luxo! talvez que este seja o costume na Hespanha.

GIL PERES.

Podeis aqui mesmo esperar a vosso gosto, porque ainda não vierão os outros. Sois o primeiro.

GRANVILLE.

Isso vejo eu.

GIL PERES.

No entanto eu vou accendendo as vellas. (*Tira a vella da lanterna e espeta-a na ponta de lança que traz na mão direita, tendo na esquerda um grande molho de chaves, e vai accender um quebrado lustre que está suspenso no meio do salão.*)

GRANVILLE.

Para que diabo é tanta luz? A linda castelhana quer ao clarão fazer sobresahir os seus encantos? cada vez me convenço mais de que estes costumes são inteiramente

diversos dos da França, pois que lá para as entrevistas as damas preferem a escuridão (*Indo para Gil Peres, que accende o lustre*) Ora dizei-me meu caro... meu caro... como vos chamais?

GIL PERES.

Gil Peres, mordomo do palacio, para servir-vos.

GRANVILLE.

Ora dizei-me, Sr. mordomo, não haveria outra sala no palacio, onde eu fosse recebido? nesta pode manobrar um esquadrão de cavallaria.

GIL PERES.

Executei as ordens, que recebi.

GRANVILLE.

Muito bem; sois um fiel criado. E! a quanto tempo estais ao serviço desta familia?

GIL PERES.

Ha muito tempo.

GRANVILLE

(*A' parte.*) O tal mordomo parece-me não ser de graças: pelo menos não quer sécca! Ainda que differença entre elle e os nossos criados francezes? (*alto*). Ora pois meu Gil Peres, aqui tendes uma peça de oiro pelo trabalho que vos dei.

GIL PERES.

Obrigado.

GRANVILLE.

Como ? pois não quereis accitar para beberdes uma garafa de vinho à minha saude ?

GIL PERES.

Gil Peres não bebe vinho.

GRANVILLE.

Então dar-lhe-heis o uzo que vos parecer.

GIL PERES.

Não tenho precizão de couza alguma.

GRANVILLE (*olhando-o com ironia.*)

Ao vervos, ninguem tal o dirá.

GIL PERES.

Já vos disse, que era o mordomo do palacio de Santa Cruz.

GRANVILLE (*rindo-se.*)

(*A' parte.*) Que palacio, e que mordomo ! Emfim magro como um rato de Igreja, e soberbo como um pavão ? é um verdadeiro Hespanhol ! (*Gil Peres tem acabado de accender o lustre.*) Agora Sr. mordomo, como já acabastes o vosso serviço, teade a bondade de dizer a D. Ignez, que aqui a espero.

GIL PERES.

A D. Ignez ! Quereis fallar a D. Ignez ?

GRANVILLE.

E por quem mais me daria eu ao trabalho de vir a esta habitação (*á parte*) verdadeiro asilo de corujas e morcegos ! (*alto.*) E' a D. Ignez a quem quero fallar, em virtude do bilhete que lhe enviei.

GIL PERES.

Bem, vou dar-lhe parte. (*Pega na lanterna e vai-se.*)

### SCENA III.

GRANVILLE (*só.*)

Enfina vou alcançar o pelo que á tanto tempo almejo ! E' esta uma aventura, em cujos detalhes ninguem quererá acreditar no palacio Royal, e eu mesmo ainda não sei se sonho, ou estou bem acordado (*passeia.*) Que quererá dizer isto ? (*vendo a cruz e o punhal.*) Uma cruz e um punhal ? Parece que a miúda bella não brinca. Tenho ouvido fallar constantemente na solemnidade com que os Hespanhoes praticão as mais indifferentes acções da sua vida ; porem ignorava que essa mania chegasse até às entrevistas amorozas. Por S. Luiz ! que tenho curiosidade de ver, se será assim sempre até ao fim. (*A porta do interior abre-se e apparece D. Ignez coberta com um véo.*)

### SCENA IV.

O MESMO e D. IGNEZ

P. IGNEZ.

Quereis fallar-me senhor ? aqui estou. Que pretendeis

dizer-me ? (*Reconhece a Granville.*) Céos ! (*Foge precipitadamente.*)

GRANVILLE (*Toma-lhe a dianteira e segurando-a.*)

Oh ! não me deixareis d'esta sorte. Uma vez que com tantas difficuldades consegui chegar á vossa presença, ao menos ouvir-me-héis.

D. IGNEZ.

Desgraçado ! quem vos infundiu a audacia de penetrar n'este palácio ? Não sabeis, onde vos achais, e que se eu disser uma só palavra, estais perdido ?

GRANVILLE.

Senhora, parece-me, que se aqui me achô não é sem o vosso consentimento. Deixai-me primeiro ajoelhar a vossos pés para exprimir-vos a felicidade que gozo vendo-vos, e o meu reconhecimento pela entrevista, que dignastes-vos conceder-me !

D. IGNEZ.

Uma entrevista ? . . . eu ? . . . não vos conheço senhor. E' verdade, que me tendes escripto ; porem nunca vos respondi. Não o devia, nem o podia fazer. Retirai-vos, oh ! . . . se soubesseis ! . . . tenho compaixão de vós. Enquanto é tempo, fugi . . . d'aquí a um minuto, a um instante já será tarde.

GRANVILLE.

Acazo enganar-me-hião ?

D. IGNEZ.

Sim enganarão-vos : não vos amo, nunca vos amei, eu-  
vis? (*com mais doçura*) mais isso não é razão para deze-  
jar-vos a morte, e se ainda vos demorardes aqui, nada vos  
poderá salvar. D'esta vez não terão piedade. Quem sabe  
se já estão instruidos de que estais n'esta sala? Se elles  
vierem... se fordes morto... morto a meus proprios  
olhos!... diante de mim!... oh! seria para mim  
horrorozo!... fugi... fugi, por tudo quanto ha no mun-  
do, fugi.

GRANVILLE (*com muita tranquillidade.*)

Senhora, agora vejo, que cahi no laço que me armarão,  
como um miseravel embecil, e justo é, que soffra as conse-  
quencias. Agradeço-vos a compaixão que me testemunhais  
n'este instante. Talvez que se eu tivesse a esperanza de  
vos inspirar um outro sentimento, procurasse salvar uma  
existencia, que então para mim seria precioza; mas já que  
infelizmente assim não é, quero ao menos provar-vos, que  
não sou um cobarde. No momento mesmo de expirar, po-  
derei ainda contemplar vossos bellos olhos; e portanto só  
por isso, não sou digno de lastima. Mas como alguem  
vendo-me aqui convosco poderá suppor-vos culpada, cha-  
mai, gritai, para que venhão em vosso auxilio. Um osculo  
sobre vossa delicada mão, e estou prompto. (*Beija-lhe a  
mão, que D. Iñez não procura retirar.*)

D. IGNEZ (*na maior afflicção.*)

Oh! meu Deos!... senhor, eu não quero que morrais.  
Segui-me, vou mostrar-vos uma sahida.

GRANVILLE.

(*Pegando-lhe na mão com transporte*). Agora não deze-  
jo mais a morte, abandono-me inteiramente a vossa des-  
cripção. (*derriçam-se ambos para a porta do interior.*)

D. IGNEZ (*desfalecida.*)

E' muito tarde! Deus, vós que á pouco tempo vos dignastes salvar-o, consentireis em que elle hoje pereça? (*com rapidez*). Escutai; só ha um meio de escapardes. Esta janella (*para junto da qual o conduz*) não é muita alta. Saltai com animo. Apenas estiverdes no chão, segui com toda a cautella sempre direito até chegardes a uma moita de carvalhos. D'ahi logo avistareis um muro, e a alguns passos á direita uma porta, que dá sobre uma rua deserta, e é bem de erer que a esta hora ninguem por ali passe. Se a porta estiver fechada, arrombai-a, mas fugi, fugi immediatamente e que a Virgem e todos os Santos do Céu vos conduzão. Eu vou rogar-lhes por vós.

GRANVILLE (*beijando-lhe a mão.*)

Sois o meu anjo da guarda (*abre a janella e salta.*)

D. IGNEZ (*cahindo de joelhos.*)

Senhor! eu vos rendo infinitas graças (*n'este momento abre-se a porta do interior com grande fracasso.*)

## SCENA V.

A MESMA, GIL PERES, SANTA CRUZ, DUQUE DE MIRANDOLA, E MUITOS FIDALGOS, ENTRE ELLES OS QUE JA' APARECERÃO PARTIDARIOS DO MARQUEZ DE SANTA CRUZ.

SANTA CRUZ (*entrando.*)

Por Christo, que vamos enfim saber o que quer dizer e meu mordomo, e que communicação tinha esse individuo de fazer á minha filha! Não pôde ser senão dos nossos. Que vejo! D. Ignez aqui só! Onde está essa pessoa?

D. IGNEZ (*tremendo.*)

Eu não o vi, meu pai.

SANTA CRUZ.

Que dizeis ! então Gil Peres mentiu ? Porque causa vistes a esta sala ? (*Algum silencio*). Certamente isto é extraordinario ! e.....quero a todo o custo esclarecer tal mysterio. Um homem introduziu-se em meu palacio, disse que queria fallar-vos, a vós D. Ignez, e no entanto me asseverais que não vistes semelhante homem ?! Acredito-vos, porque sois minha filha. Em todo o caso esse homem não poderá estar muito longe, e é indispensavel que seja encontrado, não é assim, senhores ? E' talvez um espião ! varejem immediatamente esta sala em todos os seus recantos (*algumas pessoas visitão a sala.*)

D. IGNEZ.

(*A'parte.*) Respiro !

SANTA CRUZ.

Oh ! aqui está uma janella aberta. Não ha duvida, senhores, foi por aqui que elle se evadio. Ide alguns de vós ao jardim que ainda o achareis ; Gil Peres, o meu mordomo vos servirá de guia. Seja quem for, é um inimigo, e deve ser morto. (*Uma meia dúzia de cavalleiros guiados por Gil Peres desembainhão as espadas e sahem pela direita do espectador.*) Não é crível que nos escape. Está sem duvida occulto, mas até a lua nos favorece, vede como ella que tem estado até agora encoberta, se apresenta em todo o seu brilho. (*D. Ignez quer retirar-se, mas o marquez the grita*) Onde ides, D. Ignez ?

D. IGNEZ (*balbuciando.*)

Meu pai . . . . já é tarde . . . . vou para o meu quarto.

SANTA CRUZ.

Ficai. A filha do marquez de Santa Cruz não pôde ser considerada estrangeira quando se vai tratar dos meios de salvar a Hespanha, não e assim, senhores ?

D. IGNEZ.

Dispensai-me, meu pai, eu vos supplico ; não me sinto boa, acho-me muito encommoada.

DUQUE DE MIRANDOLA.

Com effeito, a senhora está bem pallida !

SANTA CRUZ.

Não importa, quero que espere.

D. IGNEZ.

(*A' parte.*) Oh ! meu Deos ! que tormento ! (*covem-se fora gritos.*)

SANTA CRUZ.

Ah ! . . . bem sabia que elle não me havia de escapar. Escutai . . . não ouço mais nada ! . . . . A justiça está satisfeita. Alegrai-vos, D. Iñez, alegrai-vos.

D. IGNEZ.

Meu pai. . . . (*Desmãia e cahe redondamente no chão. Todos correm a socorrel-a, e a depositão em uma cadeira. Alguns cavalleiros, que sahirão, entrão na sala, e o conde de Altamira está á sua frente ainda com a espada desembaixada. Ao chegarem, vendo D. Iñez desmaiada, pãrão; mas o marquez corre a elle. D. Iñez pouco depois volta a si.*)

SANTA CRUZ.

For Nossa Senhora do Pilar, conde, tudo isto não vale a pena de que lhe presteis attenção. E' uma meca que desfalece, porque matarão um homem. Confesso que augurava melhor do sangue de que ella descende, mas infelizmente tudo degenera em nossa velha Hespanha, depois que nella poz os pes essa damnada franceza.

CONDE DE ALTAMIRA. (\*)

(*Dando um suspiro.*) Assim é. (*Mette a espada na bainha.*) Porém estas enganado Marquez, quando julgas que o homem morreu. Ainda não o matamos.

SANTA CRUZ.

Como assim ?

ALTAMIRA.

Quando o encontramos, tratava de forçar a porta do jardim com a espada, que quebrou nesse encojo. Então dando um grito de raiva, correu a nós e nos disse : senhores, sou vosso prisioneiro : bem vedes que não tenho armas para defender-me ; porém que um de vós me empreste uma espada, e me battereí com todos um por um. São seis ! veremos quem ganha a parlida.

SANTA CRUZ.

Insolente ! Apósto que é francez ?

(\*) Esta parte pôde ser desempenhada pelo proprio conde de Mirassol, no caso de haver falta de actores.

ALTAMIRA.

Se apostasses, ganhavas, porque o e com effeito, come mesmo nos declarou, e tambem que era fidalgo. Um fidalgo desarmado, e que deseja defender-se, bem comprehendes, marquez, que não deveria ser morto.

SANTA CRUZ.

E que me importa ? O que agora só pretendo saber é e seu nome — o nome desse miseravel. Como se chama elle ?

ALTAMIRA

Não nos quiz dizer.

SANTA CRUZ.

Fez bem ; porque os mortos não tem nome. E se vós outros o quisestes poupar, eu não lhe perdoarei. Todo aquelle que entrar no palacio de Santa Cruz contra a vontade de seu senhor, não deverá mais sahir. Não é assim, D. Iñez ? *(Esta abaixa a cabeça consternada. Neste momento apparece Gil Peres com o resto dos cavalleiros. Gil Peres traz uma chave em uma salva de prata, ajoelha-se, e apresenta a salva ao marquez.)*

GIL PERES.

Sr. aqui está a chave do subterraneo onde ficou encerrado o prisioneiro. *(O marquez toma a chave, mette-a no cinto depois diz algumas palavras em segredo a Gil Peres que abaixa a cabeça.)*

SANTA CRUZ.

Agora, D. Iñez, podeis retirar-vos. *(Esta dá alguns passos porém logo volta, e cahe de joelhos aos pés do pai.)*

D. IGNEZ (*chorando.*)

Senhor, Deos é testemunha de que eu não conheço esse fidalgo, porém já que aquelles que o devião matar, pouparão-lhe a vida, perdoai-lhe tambem, meu pai. Por piedade, antes de deixar-vos, dizei-me que elle não morrerá.  
*O marquez não lhe responde, e faz signal a Gil Peres que leve d'ali a filha. o que e promptamente executado.*

## SCENA VI.

OS MESMOS MENOS D. IGNEZ E GIL PERES.

DUQUE DE MIRANDOLA.

Bem conheço, marquez, que tu és mais velho do que nos, e que por isso não te devemos dar conselhos ; mas acho de meu rigoroso dever accrescentar algumas palavras ao que te disse tua filha ; é incontestavel que estás em teu palacio, e que em virtude dos privilegios de tua familia, podes nelle exercer, como quizeres, teus direitos e distribuir justiça. No entanto considera por um instante, que se trata de um francez, de um fidalgo, que segundo todas as apparencias faz parte da corte. Se elle desaparecer, causará suspeitas, dar-se-hão buscas, e tudo isto pôde ser fatal aos nossos projectos. Parece-me, que seria melhor mandal-o conduzir para aqui, interrogal-o, e deliberar então em vista de suas respostas, se deve morrer, ou se deve ser posto em liberdade, compromettendo-se primeiro debaixo de sua palavra de honra, a não revellar couza alguma que por ventura aqui tivesse ouvido. Isto me parece mais prudente. Não sois da mesma opinião, senhores ?

TODOS OS CAVALLEIROS.

Certamente, certamente.

SANTA CRUZ.

Basta, senhores, do nos occuparmos desse francez. Vamos tratar do que é mais urgente, de salvar a Hespanha. Eu vou tomar o assento que me compete e abrir a sessão.

ALTAMIRA.

Marquez, em vista da occorrença, que veio perturbar nossos trabalhos, julgo uma imprudencia incalculavel continuarmos a estar aqui juntos. O melhor será guardarmos para outra occasião o seguimento dos nossos trabalhos.

SANTA CRUZ.

Não senhor, que o momento urge.

ALTAMIRA.

Eu por mim retiro-me, que não quero ficar com a responsabilidade de quaesquer funestas consequencias. Aviso nos com antecedencia, marquez, da proxima reunião (*vai-se pela direita,*)

ALGUNS CAVALLEIROS.

Nós vos seguimos (*vão-se.*)

OS RESTANTES.

O conde tem razão. . . . Nós tambem nos retiramos (*vão-se.*)

MIRANDOLA.

Em outra occasião, marquez, trataremos do nosso plano, visto agora ser impossivel: nada de precipitações com o teu prizoncero (*vai-se.*)

SANTA CRUZ (*olhando a todos com desdem.*)

Vergonha, e maldição recaia sobre elles! E são estes os homens que querem regenerar a Hespanha? (*depois de algum silencio*) Agora só me devo entregar á minha vingança. (*Tira da cintura um apito de prata. e nelle sopra tirando um som agudo. Gil Peres apparece, e o Marquez lhe faz signal de que o siga.*)

**Fim do primeiro quadro do terceiro acto.**



## QUADRO II.

### DO TERCEIRO ACTO.

#### O SUBTERRANEO

O theatro representa um subterraneo humido, e ja muito estragado. No fundo uma escada de pedra, com falta de degraos, que estão cahidos na scena. Uma pedra tosca do lado esquerdo da scena, onde se acha assentado Granville, que tendo o rosto encostado na mão direita, cujo braço está apoiado no joelho direito, mostra estar pensativo.

GRANVILLE *(só, depois de algum silencio.)*

Não ha duvida, cabi no laço como um sandêo, como o mais estúpido dos idiotas, e eu então que de tudo devia desconfiar, que contra tudo deveria estar prevenido! E esse maldito italiano, esse infernal cura, que me enganou como a uma creança! Ah! que quando o encontrar, hei-de esmagal-o, como faria a um reptil debaixo do tacão de meos sapatos; *(reflectindo)* mas encontrei-o-hei? tornarei a sahir deste antro tenebroso? meos olhos verão de novo a brilhante luz do sol? Quem sabe? Esse velho caprichoso, esse marquez de antiga raça tão cioso de seos foros, é bem de crer, que procure lavar em meu sangue a honra de sua filha que suppõe ultrajada. E terei portanto de morrer. De morrer, quando me acho na primavera da vida, no verdor dos annos? E' bem triste morrer tão moço, sobretudo quando não havia ainda conseguido o grande fim a que religiosamente me impuz. Mas a morte não me assusta, Não tenho eu tanto amor a vida, que sinta deixal-a. *(levanta-se)* E de facto o que é a vida? E' um abismo insondavel, onde uma vez lançados, marchamos de dezejo em dezejo sem jamais podel-os satisfazer. Quem ha que possa dizer, eu vivo feliz? se momentos gosa o mortal de um

lampejo de ventura; após elle vem logo mil desgostos, que fazem desaparecer os instantes de felicidade. Desde o rei até ao ultimo de seus vasallos, todos contão em sua existencia mil dias amargurados, e então que encanto offerece a vida? não é ella mais uma carga do que um goso? Só temem morrer as almas fracas e pusillanimes, ou os que tremem de comparecer diante do juiz supremo; mas eu tenho minha consciencia pura, e até o presente Deos louvado, o remorso nem de um só crime me punge. Se tiver de morrer... estou decidido; porém minha mãe, minha infeliz mãe, que semelhante á mais linda flor do estio foi trucidada inda tão moça e tão bella! minha mãe a quem eu pretendia vingar ferindo no mais sensível de seu peito, em suas mais elevadas ambições, aquella que causou sua ruína! que fingindo-se sua mais sincera amiga lhe roubava a um tempo seu unico apoio, seu espozó, em quem reconcentrava todas as mais gratas affeições de sua alma! Com o meu desaparecimento continuará ella a dar leis a Hespanha, chegara mesmo a ser rainha! e assim, qual será a punição de seus crimes? de sua negra perfidia? Oh meu Deus, permiti que vos interrogue neste momento solenne, dizei-me Senhor, se desta arte galardoaes o vicio, como premiareis a virtude? Continuareis a consentir, que essa mulher que conta quasi tantas faltas em sua vida, quantos dias conta de existencia, receba cultos e ovações como se fosse o ente mais perfeito do universo? Em tal não podeis consentir e se vossa bondade tem soffrido, que até hoje ella se exalte, é para que a sua queda seja mais ruidosa. Sim, vós fizestes subir até vossa presença esses anjos das trevas que em poder quizerão lutar com vosco, porem depois os precipitastes nos abysmos onde se conservarão por toda a eternidade. Tal sorte aguarda a essa internal princeza. Qual outro Lucifer será precipitada de seu throno. Ao menos com esta esperança poderei morrer tranquillo. *(Como ferido por uma repentina lembrança)* E D. Ignez? o que será feito della? Filha de um pai indomavel e feróz talvez que esteja soffrendo pelas minhas imprudencias! Ah! que esta lembrança equivale a morte.

Esse anjo de candura, que como um metheóro tem rapidamente passado diante de meus olhos, deu-me nova existência!... transtornou todo o meu ser. Eu que me julgava frívolo, e incapaz de uma profunda paixão, amo-a com todas as forças de minha alma, idolatro-a, adoro-a, com o mesmo respeito, com a mesma devoção que tributo a Virgem Santíssima. E não ter certeza de que esse amor e correspondide? Ah D. Ignez para que . . . vos havia de encontrar no caminho de minha vida? Ver-vos sem adorar-vos, viver sem possuir-vos, é o maior tormento que Deus poderia infligir ao maior dos peccadores! . . . . No entanto aquelles sobresaltos que ella sentiu, quando seu pai se aproximava? a febre que circulava em suas veias, quando me arrastava para a janella, o desvairado de seus olhos, quando me rogava que fugisse, tudo isso não são indícios de que meu amor echôa em seu coração? Ah meu Deus, não quero que tal desconfiança me roce o espirito, não a deixeis penetrar em minha alma, que viria tornar horrozos meus ultimos momentos. Amado de D. Ignez e morrer? . . . não . . . não . . . agora quero a vida a todo o preço. . . a vida! . . . barbaros não m'arranqueis, porque mesmo nem posso morrer. . . amado de um anjo, sou mais que um mortal. . . a vida. . . a vida. . . ate de joelhos a peço! *(Cabe e cobre o rosto com as mãos. Ve-se o Marquez de Santa Cruz desceudo a escada precedido por Gil Peres que traz uma lanterna, e quatro guardas com alabardas e archotes)* Vem gente! animo! nada de fraqueza.

SCENA II.

O MESMO, GIL PERES, SANTA CRUZ E 4 GUARDAS

SANTA CRUZ.

Vou enfim saber, quem é o ouzado que se atreveu a franquear os umbraes de meu palacio sem minha ordem. *Toma a lanterna da mão de Gil Peres, que só acompanha o marquez, ficando os guardas no fundo junto da escada, e chega a lanterna á cara de Granville, e recua.* Sangue de Christo! Elle! a quem julguei morto! Oh! é o amaldiçoado francez em pessoa!

GRANVILLE *(com gracejo.*

Certamente, senhor marquez, se eu tivesse tido a vantagem de ser morto por vós, a esta hora não estaria em vossa presença.

SANTA CRUZ.

Gil Peres, este prezonciro é com effeito tialgo. Fizestes preparar o cutelo e o cêpo.

GIL PERES

Sim, senhor, tudo está prompto.

SANTA CRUZ

Muito bem, agora só tendes 10 minutos para recomendar vossa alma a Deos, se é que tendes alma e acreditaes em Deos. Fazei-o depressa.

GRANVILLE.

Oh Sr. marquez isto não passa de uma mera brincadeira, não é verdade?

SANTA CRUZ.

Sabei Sr. que nunca brinco. Reflecti que já passou um minuto, e aproveitai os que vos restão,

GRANVILLE.

Pois seriamente quereis matar-me?... e só porque estouvadamente aqui vim, águiza de uma pobre maripoza, queimar-me á chama dois mais bellos olhos que tenho visto? os quaes no entanto, por minha honra vos juro, ficarão insensíveis ao meu dolorozo martirio? Com elleito é muito! A vida por uma semelhante imprudencia? não vale a pena. Ora vamos, reflecti um instante. Com a fortuna! Não estamos aqui em terra de mouros, nem deveis comparar vosso palacio a um serralho, onde morre quem o pisa (sendo bem entendido do sexo masculino, e bem pronunciado.) Sr. marquez. entrai em vós. Acaso já não estou sufficientemente punido pelas repulsas da bella D. Iguez? Que rixigis ainda mais de mim? Quereis que certifique a minha vergonha por escripto? para mim será a maior das mortificações, mas enfim estou prompto a fazel-o. uma vez que isso purifique vossa interessante filha maculada a vossos olhos. Então não me respondeis? (*Enquanto tem fallado o marquez tem passeado; depois que Granville acaba, colla-se o marquez para Gil Peres e diz.*)

SANTA CRUZ.

Gil Peres, já passarão os dez minutos, leva-o daqui e faz teu dever.

GRANVILLE.

— Sois inexoravel? basta. Não avillarei a minha dignidade de genil-homem, descendo ao ponto de supplicar-vos. Deixei-me cabir em um miseravel trama, justo é, que pague a minha estulta credalidade! saberei morrer! Porem ouvi-me ainda Sr. marquez de Santa Cruz. Só tenho duas palavras a dizer-vos, duas palavras de que talvez em breve vos lembrais. Perindo-me lizeis collocar com vossas proprias mãos na cabeça da princeza a corôa do reino de Hespanha e das Indias.

SANTA CRUZ (*muito surpreso.*)

Que quereis dizer senhor?!

GRANVILLE.

— Que com minha morte ficará a princeza privada de seus reaes decidido e encarniçado inimigo.

SANTA CRUZ.

— O ardil é muito gro-seiro para que eu não o penetre. Gil Peres— vamos — executa as minhas ordens.

(*Gil Peres faz signal aos guardas os quizes agarrão Granville para arrastal-o. Neste momento o alcaide mir com grande porção de soldados, quadrilheiros e aguazis descem a escada com to-haz. A Princeza vem tambem desfareada e encoberta com uma capa, e um chapen desalado, e Alberoni vem a seu lado. Todos descem, os soldados apontão as espingardas para fazer fogo, os aguazis e quadrilheiros apressão-se de Gil Peres e dos quatro guardas. O alcaide mir pega no braço de Santa Cruz, e a Princeza e Alberoni, vão postar-se ao lado de Granville.*)

ALCAIDE MÓB.

Em nome d'El-rei, marquez de Santa Cruz estais preso por crime de alla traição. (*O marquez tira a espada e a entrega.*)

PRINCEZA (*em meia vós a Granville.*)

Inda cheguei a tempo de salvar-vos, Granville!

GRANVILLE.

E quem vos disse que eu aqui estava?

ALBERONI.

Vosso humilissimo servo!

GRANVILLE (*muito admirado.*)

Vós? Que misterio!

ALBERONI.

Puramente diplomatico, meu caro!

*Todos retirão-se como para sahir.*

**Fim do segundo quadro e do terceiro acto.**



# ACTO IV.

## QUADRO I.

### NAO TOQUEIS NA BAINHA

A mesma decoração do primeiro quadro do acto primeiro.

### SCENA I.

O DUQUE DE MIRANDOLA *na boca da scena pensativo.*  
GRANVILLE *passando no fundo da scena,* ALBERONI *sentado aos pés da estatua de Ximenes.*

MIRANDOLA.

O marquez de Santa Cruz mandado prezo para a torre de Segovia, e eu retido nesta sala por ordem superior? que estará para me acontecer? (*a Alberoni com mofo*) Vós, senhor cura, que andais bem com todos, que estais ao alcance de todos os segredos de gabinete, poder-me-heis informar da sorte que me espera?

ALBERONI.

Creio, que para vós o sol entrou no equinocio, (*ironia*) ou antes a senhora princesa quererá dar-vos o premio de vossos bons serviços.

MIRANDOLA.

Não e della, que espero, nem premio nem castigo. E' uma estrangeira, e nunca a olhei como soberana.

ALBERONI.

Pois tendes nisso andado errado, desculpai-me se com franquesa o digo. O rei durante a sua justa dor pela finada rainha, deu-lhe plenos poderes ou carta branca para governar em seu nome; tel-a seu lugar tenente e em tal caso me parece, que ella é credora de tanta obediencia, como a propria pessoa do monarcha.

MIRANDOLA.

Pelas antigas leis do reino, quando mesmo o soberano estivesse impedido de reinar, nunca poderia recahir sobre o estrangeiro o faser as suas veses. E' esse um abuzo, contra o qual se deve revoltar todo o leal hespanhol.

ALBERONI.

Não tenho a honra de ser vosso compatriota, e por isso não conheço bem a legislação do paiz para poder argumentar com vosco; mas ahi chega o Sr. d'Almenzaga com quem podereis discriar sobre tal assumpto. *(Almenzaga comprimenta-o e entrega-lhe um papel sellado.)*

## SCENA II.

O DUQUE DE MIRANDOLA, ALMENZAGA, GRANVILLE, e ALBERONI *(que está separado do grupo que formãoos tres primeiros. ALMENZAGA entrega um papel ao duque que o lê e depois diz).*

MIRANDOLA *(a Almenzaga.)*

Está bom, Sr. d'Almenzaga. S. M. bouve por bem des-pensar os meus serviços como estribeiro-mór, e envia-me o decreto de minha demissão: o que me cumpre faser é conformar-me com as suas reacs determinações, e retirar-me.

ALMENZAGA.

V. Ex. pode continuar a estar em palacio pela sua qualidade de grande de hespanha da primeira classe.

MIRANDOLA.

Não senhor, não continuarei. O palacio hoje bem pode ser considerado um paiz em conquista, e eu proprio me julgo um estrangeiro na residencia do rei de Hespanha ! Demittido do cargo de estribeiro mór, retiro-me ao meu solar, onde esperarei que a providencia se digne lançar vistas compassivas sobre o meu desditoso paiz. (*Comprimta Almenzaga, e retira-se*)

### SCENA III.

OS MESMOS MENOS MIRANDOLA, ALBERONI (*sempre retirado.*)

ALMENZAGA.

A vós senhor visconde pertence agora o lugar que deixou o Sr. duque de Mirandola. Eix aqui o decreto de vossa nomeação, que a senhora princesa mandou entregar-vos (*abaixando a voz*) e ao mesmo tempo pede-vos, que não vos retireis desta sala, onde pretende fallar-vos.

GRANVILLE. (*recebendo o papel.*)

(*Aparte*) Naturalmente quer saber o que fui faser ao palacio de Santa Cruz. (*Alto*) Podeis asseverar a S. Alteza que aqui esperarei pela honra que me promette. (*Almenzaga retira-se*).

## SCENA IV.

GRANVILLE E ALBERONI.

GRANVILLE.

(*A' parte.*) Agora o negocio será com o traidor Parmezão ! (*Alto dirigindo-se a Alberoni.*) Muito felgo, senhor, por encontrar-vos, visto que temos certas contas a ajustar.

ALBERONI.

E eu, meu caro visconde, tinha mesmo precizão de vos para explicar-vos a minha conducta, que talvez vos tenha parecido duvidoza.

GRANVILLE (*com seriedade.*)

Duvidoza ! ao contrario senhor cura, ella é mais clara que a luz do meio dia. Convidastes-me a ceiar em vossa eaza, destes-meinhos de todas as qualidades afim de escandecer a minha imaginação ! Confessei-vos, como uma criança, a minha paixão pela filha do marquez de Santa Cruz, promettestes-me fazer ler com ella uma entrevista, ensinastes-me a senha para ser introduzido em sua habitação ; mas calastes muito de propozito que ali havia uma reunião conspiradora, e que eu deveria ser morto pelo indomavel marquez de Santa Cruz, se o Ceo não me tivesse deparado uma salvadora na senhora Princeza.

ALBERONI.

Dizei antes no pobre cura Alberroni. Facto é (o não o negarei meu caro visconde) que engajando-vos á hir ao palacio de Santa Cruz, eu bem sabia que não só D. Ignez não vos concederia a suspirada entrevista, como até que

se o marquez vos descobrisse, vossos dias por alguns instantes correrião perigo ; porem em vista mesmo da nossa convenção, tudo isso era necessario aos nossos planos. O rei recusava-se absolutamente a acreditar que a sua fidalguia conspirava e no entanto ella quasi publicamente se revoltava contra o seu poder. A Princeza ganhava e ganhava cada dia mais ascendencia no animo real. Com o acontecimento que comvosco se deu, descobertos estão os nobres que tramavão contra a Princeza. O rei está procedendo com todo o rigor contra elles. Isto mais aguçarà as iras grandes contra a Princeza, cauzadora de suas desditas : ao passo que vós admittido como estais à presença do rei, podereis d'elle alcançar o perdão do marquez de Santa Cruz, e d'esse modo ficar reconciliado com o Pai, e sobre tudo merecer as boas graças da encantadora filha por quem vosso coração tanto palpita.

GRANVILLE.

Esse plano senhor só poderia ser arranjado na cabeça de um demonio. E quem vos assegurava que me não matarião immediatamente ? quem vos garantia, que eu não havia de succumbir ao primeiro assalto ?

ALBERONI.

Vossa boa estrella, que até o presente tanto vos ha protegido. Apenas vos vi entrar no palacio de Santa Cruz, corri immediatamente ao de Medina Cœli, onde actualmente reside a Princeza. Tudo eslava no mais completo silencio, e Morphee com seu suporifero poder ahi reinava como senhor absoluto. Cheguei à primeira sentinella que me vedou o ingresso, e so depois de mil difficuldades de muito parlamentar, foi que pude conseguir mandar um bilhete a Princeza, em que lhe indicava o imminente perigo que corrieis. A pezar da hora avançada que era, tudo logo se poz em movimento, e a propria Princeza, a despeito das minhas prudentes reflexões, quiz ir em pessoa comman-

dar a escolta. Felizmente ainda chegamos a tempo. Vós fostes salvo, o marquez de Santa Cruz prezo para a torre de Segovia, o duque de Mirandola demetido do lugar do estribeiro mor, e o resto da nobreza toda perseguida; portanto a Princeza está mais execrada do que nunca; Sua queda não pode agora falhar. Tractai visconde de alcançar o perdão para o velho marquez, que eu vos affianço á gratidão, e o amor de sua linda filha.

GRANVILLE.

Agora vejo, cura, que sois um perfeito Italiano, e que bem justificais a reputação de que gozão vossos compatriotas. Com quanto a minha vida andasse em jogo em todo esto trama, não posso desconvir de que elle foi bem urdido. Aqui tendes a minha mão em signal de que estou comvosco reconcilhado. De hoje em diante marcharemos sempre de accordo, visto que os meios, que temos de empregar são identicos, se bem que tendamos a fins divercos.

ALBERONI.

Sempre me achareis de atalaya para ajudar-vos a derubar a Princeza. O que cumpre por ora sobretudo é impedir que o rei se caze. Se elle der esse passo, está tudo perdido.

GRANVILLE.

Eu já tenho pensado nos meios de o impedir. Ou serei rival do rei ou darei á princeza uma rival.

ALBERONI.

Tanto melhor. E eu muito confio de vosso espirito. No entanto vou ver se chegarão algumas cartas do duque de Orleans aquem consultei acerca de negocios graves. O que heuver de notavel vos communicarei. Franqueza entre nós, e segredo com todos os mais. Até outra vista meu caro visconde. (*vai-se*)

GRANVILLE.

A Deos meu bom cura. Quanto já me tarda o ver-vos de purpuras vestes. (*Alberoni volta e faz um cumprimento de humildade e retira-se.*)

### SCENA V.

GRANVILLE só, (*olhando para o decreto.*)

Estribeiro-mór do rei de Hespanha !... um lugar em palacio ! oh ! ridicula ironia ! como se eu tivesse atravessado os pireneos em demanda de empregos ! Ah ! Princeza, Princeza, julgas que todos hão-de-se deixar levar pelo mesmo Deus que te arrasta ? pela insaciavel ambição ? quanto te enganas ! Deixei patria, amigos, deixei o meu soberano que me honrava com suas extraordinarias bondades, e tudo não foi certamente por avidez de empregos : um outro sentimento mais energico me impellia e este sentimento era... a vingança !... o desejo de desafrentar uma infeliz mãe assassinada na flor dos annos, trahida em seu amor puro e casto como o amor dos anjos ! uma terrã mãe a quem não conheci, de cujos carinhos a mais cruel traicão me privou, logo que vim ao mundo ! Não he pois com dadas e com empregos que me deslumbrarás, fementida. Heide verte cabir do pinaculo a que subiste, heide verte despida de todas essas pompas e galas que á franqueza do rei tens usurpado, e então embora mesmo a braços com as contrações da morte, entre rizo de satânico prazer, gritarei.— Minha mãe, estás emlim vingada !

UM PAGEM (*á porta.*)

S. Alteza manda saber se V. Ex. pôde fallar-lhe ?

GRANVILLE.

Asseverai a S. Alteza, que sempre me achará prompto a receber suas ordens. (*Opazem retirar-se*). Preparemo-nos agora para a explicação. Cumpre illudil-a até o fim, e sobretudo não deixar que ella penetre o menor dos meus pensamentos. Este estado de continuo fingimento me custa e por vezes a minha tendencia á franqueza, me tem querido trahir ; porem o dever sagrado, o dever que contrahi para com a memoria de minha infeliz mãe, tem vindo sempre em meu auxilio. Ella chega.

## SCENA VI

O MESMO E A PRINCEZA.

GRANVILLE (*Apenas a avista, corre a ella.*)

Senhora, mandastes-me esperar, e aqui estou, primeiro que tudo: o meu dever he obedecer-vos.

PRINCEZA.

Desejei fallar-vos em particular, porque parecia-me que avevereis ter alguma confissão a fazer-me.

GRANVILLE.

Perdoai-me, senhora, porem julgo que só os culpados e que se confessão, e eu não sou culpado.

PRINCEZA.

Estais bem certo visconde?

GRANVILLE.

ERTISSIMO, Princeza.

PRINCEZA.

Pois a falta de confiança não será um crime em vosso modo de pensar ?

GRANVILLE.

(*A' parte*) Eis-nos chegado ao ponto em que a esperava !  
(*alto*) Não sei em que faltei á confiança que V. Alteza me tem inspirado ?

PRINCEZA

Que fostes fazer ao palacio de Santa Cruz ?

GRANVILLE.

A fallar a verdade eu proprio o ignoro, e se V. Alteza n'ò quisesse diser, farme-hia um assignalado favor. Voltando da casa de um amigo, onde ceci, vi alguns individuos, que cantavão uma especie de romance, e que entravão nesse monte de pedras, a que dais o nome de palacio de Santa Cruz. A curiosidade apossou-se de mim, e tive vontade de fazer o mesmo. Julguei que se tratava de algum espetaculo e que em vez de pagar-se o lugar a dinheiro, como em qualquer theatro, pagava-se em canções. Puz-me então a cantar, e o resultado foi, que abrindo-se-me a porta, entrei, o que depois me hia custando caro, porque o damnado marquez queria diffinitivamente riscar-me do livro dos viventes. E se não fosse felizmente apparecerdes para salvar-me, a esta hora tinha atravessado a Estige na barca de Charonthé. V. Alteza foi o meu anjo salvador, e esta é a pura verdade.

PRINCEZA.

Logo é falso que estejais apaixonado pela filha do mar-ques de Santa Cruz ?

GRANVILLE.

Falcissimo. E em verdade, senhora, quem tem a ventu-ra de poder todos os dias contemplar vossos olhos divinos, pode lembrar-se que no mundo existão outros ?

PRINCEZA.

— Sempre lisongeiro visconde ? Será possível, que nunca vos corrijaes de semelhante defeito ?

GRANVILLE.

Se quereis, que me corrija, deixai de ser tão formosa.

PRINCEZA.

Certamente não santis o que diseis.

GRANVILLE.

Ou antes não digo quanto sinto.

PRINCEZA.

E porque ? o que é que vos impede ?

GRANVILLE.

Oh! ha pessoas que inspirão tal respeito e em cuja pre-sença se sente tão grande perturbação, que é impossivel mostrar-se-lhe o que n'alma existe. . . . Se vós podesseis ler em meu peito? . . . Sim, e porque não ? ao menos no-

tai o pulsar de meu coração (*ajoelha-se e quer pegar-lhe nas mãos*) ao menos vede a violência com que bate.

PRINCEZA (*afastando-se.*)

Insensato ! não sabeis que entre nós existe uma barreira de ferro, que nunca podereis transpor ?

GRANVILLE (*levantando-se e aproximando-se.*)

Senhora, seja qual for essa barreira, se vossos sentimentos correspondessem aos meus, eu de um passo a saltaria.

PRINCEZA.

Por vossa alma, senhor visconde, retratai essas palavras do contrario tudo está acabado entre nós, acabado para sempre, ouvis ?

GRANVILLE.

É por que, princesa ?

PRINCEZA (*recuando.*)

Porque... porque... não me interrogueis... Nem quero, nem posso responder-vos.

GRANVILLE (*aproximando-se.*)

No entanto, senhora, o interesse particular que vos tendes dignado festejar-me até o presente, a mim, pobre estrangeiro e inteiramente desconhecido, pareceu-me acorçoar esperanças, ás quaes me seria muito doloroso renunciar agora.

PRINCEZA.

Pois renunciái, ... que assim o ordeno... ou antes vos

supplico . . . por tudo quanto no mundo tendes de mais caro, pelas cinzas de vossa mãe!

GRANVILLE.

De minha mãe? (*Fica pensativo, e faz-se uma pausa entre os dois*) Senhora, se consentis que vos faça um pedido, rogo-vos que deixemos em paz os mortos, e que antes de nos hir-mos juntar a elles, cuidemos de gozar do presente. Bella, como sois, não podereis ficar sempre insensível ao amor, que inspiraes. Oh não arredeis de mim os vossos encantadores olhos, vossa propria perturbação me assegura, que vos deixareis abrandar pelas minhas ardentes preces, e que não sereis mais cruel comigo, do que fostes com meu . . .

PRINCEZA.

Desgraçado ! . . . não acabeis . . . Se soubesseis ! . . . por mim não: este segredo morrerá comigo.

GRANVILLE.

Um segredo? . . . um segredo? por compaixão senhora, revelai-m'o, não o occulteis por mais tempo.

PRINCEZA.

Tremei . . . se se o revelar.

GRANVILLE

Tremar ? . . . eu ? . . . em presença de tantas graças attractivos? Ah! senhora, só tremo de uma couza, e é de não ser amado por vós; mas deixai-me ao menos a esperança de que algum dia vencida por meus suspiros, por minhas lagrimas, tercis piedade de meu doloroso martyrio. E' de joelhos que isto vos peço. (*Ajoelhando-se agarra-lhe na mão que quer beijar*).

PRINCEZA (*no cumulo de tremor*)

Não me toqueis imprudente, não me toqueis. Acaso ignorais que tem pena de morte, quem ouza tocar na rainha ?

GRANVILLE. (*levantando-se muito assustado*);

Na rainha ? pois o rei já está casado ?

PRINCEZA

Aiuda não; mas já tenho sua real palavra.

GRANVILLE. (*à parte*);

Ah ! respiro !

PRINCEZA.

Visconde, um segredo terrível une e separa para sempre nossos destinos. Lamentai-me; por que em quanto eu viver este segredo será de vós ignorado. Esquecei-vos do que agora se passou entre nós, como eu também procurarei esquecer-me. Recordai-vos apenas, de que quer eu seja rainha de Hespanha, quer simplesmente princeza, em mim tereis uma protectora devotada, que velará sempre sobre vós. O decreto de vossa nomeação para cargo de estribeiro mór certamente já vos estará entregue, cuidai de corresponder aos meus desejos e à expectativa de S. Magestade. (*Vai-se com muita dignidade*)

## SCENA VII.

GRANVILLE (*depois que a Princeza se retirou*).

Ainda não estás rainha, ambicioza mulher! e os poucos instantes que me restão, serão bem aproveitados! Quanto á minha nomeação, vai ser consumida pellas chammas, para que della não reste o menor indício. *(Lança o decreto no braseiro.)*

### SCENA VIII.

\* O MESMO e um PAGEM *(apparecendo a porta.)*

Sr. visconde, S. Magestade manifestou desejos de hir a manha á caça, e de seus recreadores foi V. Ex. o designado para acompanhal-o. Assim ao raiar d'aurora deveis estar prompto.

GRANVILLE. *(aparte.)*

Oh! Providencia divina, tu veaste em meu socorro!

**Fim do 1.º quadro do 4.º acto.**

(\*) Sempre que se fallar em pagem do rei entenda-se que é la-Roche.



## QUADRO II.

### A CAPADA DO CASTELLO DE PARRA-FLORES.

O theatro representa a velha sala de um castello. No fundo 3 grandes portas que dão sobre um terço do qual ve-se as montanhas de Guadarrama, e a torre de Segovia. Do lado esquerdo do expectador ha uma porta da entrada geral. Do lado direito portas que communicam com o interior. Do mesmo lado direito, ha uma mesa antiga massiça, que serve para a refeição dos hospedes. Pezadas cadeiras estão espalhadas pela sala, e a um dos cantos existe um grande brazeiro.

### SCENA I.

A CONDESSA DE BARBASTRO E D. IGNEZ DE SANTA CRUZ.

*A condessa está vestida toda de preto e com um corpinho afogado ornado de perolas, e largas mangas. Tem o semblante pintado de encarnado e está com uma especie de touca ou bone de veludo preto. Traz olhos falsos.*

CONDESSA *(a D. Iñez que está olhando para fora.)*

Ouvistes minha sobrinha? Parece-me tropel de cavallo. E' sem duvida Gil Peres, que volta de Madrid em sua muia.

D. IGNEZ *(applicando o ouvido.)*

Não me parece tropel minha tia, antes creio ser o som de alguma corneta de caça, tocada bem longe d'aqui. Ainda á pouco pareceu-me ouvir como um tiro de Arca-

buz. Se fosse Gil Peres, nós já o teríamos avistado ao descer a montanha. Pobre Gil Peres, queira Deos, que elle chegue antes que comece a trovoadá, que nos está sobranceira. O Ceo está tão escuro! Depois que deixamos Madrid para residir-mos n'este castello, nunca vi pôr-se o Sol com tantas nuvens. *(Um grande relampago illumina a sala. Ignez e a condessa benzem-se devotamente.)*

CONDESSA.

O' minha sobrinha, mandai fechar todas as janellas e retiremo-nos que a tempestade não tarda.

D. IGNEZ.

Por favor, minha tia, esperemos ainda alguns instantes. Deixai que ainda eu respire este ar, que parece dilatar meu opprimido peito. Se fechar-mos as janellas, deixaremos já meu infeliz Pai, que sem duvida a esta hora está pregado ás seteiras de sua prizão, com olhos fixos sobre este terraço. Por mim, inda mesmo que tivesse de expôr-me á chuva, não quereria furtar a meu Pai esses doces momentos.

CONDESSA.

Pois bem, quero faser-vos a vontade ; mas d'aqui a um quarto de hora, deve-mos retirar-nos que será tempo da oração.

D. IGNEZ.

E não poderemos orar aqui mesmo ? Deos nos ouve em toda parte.

CONDESSA.

Que dizeis, minha sobrinha ? Quereis ajoelhar-vos sobre taboas nuas e á vista de quem quer que viesse ? oh

isso não é proprio da vossa gerarchia ; mas sim das raparigas de pouco mais ou menos. Uma vez que tendes a honra de pertencer a illustre casa de Bazan, só deveis orar em um oratorio e ajoelhada em almofadas.

D. IGNEZ.

Bem, minha tia, será como quizerdes. No entanto hoje já é o quarto dia que meu pai foi conduzido carregado de ferros, como um vil criminoso, para a torre de Segovia, e eu ainda não o pude abraçar.

CONDESSA.

Quereis dizer, beijar-lhe a mão, minha sobrinha, por que não é proprio da etiqueta da casa de Bazan que uma filha abraçe seu pai. Isso pratica-se somente entre os francezes, os quaes Deos queira abandonar ao linhoso, (benze-se) para com elles povoar o inferno.

D. IGNEZ.

(*aparte*) Ah ! que lembrança veio despertar-se em minha alma ? (*fica algum tempo silenciosa*) Meu Deos ! Gil Peres não volta ? e partiu tão cedo para Madrid. Parece-me que ja tinha tempo de estar de volta. Tra-nos-lha elle más noticias ?

CONDESSA.

Gil Peres sabe, que as portas podem abrir-se no inverno até as 9 horas, e no verão até as 10. E' um bom mordomo e não ha de querer transgredir essa ordem, tanto mais quando tem certeza de que se chegasse depois, não entraria. (*Ouvese fora um tropel de cavallo*).

D. IGNEZ.

Ah ! é elle que chega ! Vou correndo ao seu encontro !

CONDESSA (*com severidade*)

Esperai. Que diria meu nobre irmão, se visse sua filha hir ao encontro de um mordomo ? Deixai que Gil Peres venha procurar-nos. (*Ignez fica immovel, e abaixa a cabeça*)

## SCENA II.

OS MESMOS E GIL PERES (*entrando*.)

D. IGNES.

Então, Gil Peres, trazes algumas noticias ?

GIL PERES.

Ah ! . . . Senhora ! O senhor marquez, continua a estar incommunicavel na torre de Segovia, em quanto se instrue o seu processo em Madrid. Hoje houve ainda a ultima sessão, e é opinião geral, que para a proxima semana, o senhor marquez, será transportado a Madrid para produzir sua defeza. Os jurisconsultos a quem consultei dizem, que não ha provas, e a esse respeito podeis ficar tranquillias ; mas o resultado do julgamento dependerá todo do depoimento de uma pessoa, que hoje na corte goza de grande credito.

CONDESSA.

E quem é essa pessoa ?

GIL PERES.

É o favorito da princeza, aquelle mesmo, que se introduzio no palacio, e a quem o senhor marquez quiz matar ; enfim é o visconde de Grauville

D. IGNEZ.

Elle ! . . . elle ! . . . Bem, eu o procurarei ! Não podera resistir ás minhas preces. . . ás minhas lagrimas. Nós o procuraremos juntas, não é assim minha tia ?

CONDESSA.

Uma vez que é um homem de qualidade, não me opponho.

D. IGNEZ (*vollando-se para o lado da torre*)

Sim, meu pai, agora posso diser-vos que sereis salvo.

*neste momento ha dous relumpagos seguidos de grandes trovões. A chuva cahe em muita abundancia.*

CONDESSA.

Gil Peres fecha aquellas janellas, e recolhe-te que certamente necessitas de descanso. (*Gil Peres obedece e retira-se*). Agora minha sobrinha recolhamos-nos tambem.

*Neste momento ouve-se bater no castello.*

D. IGNEZ.

Quem será a esta hora, e com um semelhante tempo ? (*Chegando-se a porta do interior*) Mercedes, vai ver quem é.

CONDESSA.

Com effeito ! é extraordinario o virem perturbar a solidão deste castello ! Ha sem duvida grande novidade.

D. IGNEZ.

Ou quem sabe se he algum caçador perdido ?

MERCEDES (*voltando.*)

São dous cavalleiros, molhados até aos ossos, e quasi mortos de fome e de frio, que implorão hospitalidade.

CONDESSA.

E deveremos conceder-lha ? Será mesmo prudente no estado de isolamento em que nos achamos franquear o castello a estrangeiros ? He verdade que sempre foi grande virtude desta nobre familia o hospedar os forasteiros, mas hoje nao sei que faça. Emfim, falte tudo, manos a ethiquita. Onde está Gil peres ? o mordomo para ir ver quem são esses cavalleiros ?

MERCEDES.

Gil Peres, senhora, voltando muito fatigado, deitou-se, e he de crer que já durma.

CONDESSA.

Pois ide chamal-o, he a elle a quem pertence introduzir os hospedes.

D. IGNEZ.

Porem, minha tia, tudo isso leva tempo, e os pobres cavalleiros estão á chuva.

CONDESSA.

Emfim por tua causa vou faltar a uma das regras da etiqueta. Vai Mercedes, indaga quem são, e suas po-

sições sociaes. Se forem simples pessoas do povo, conduze-os para a cosinha, se forem fidalgos, vindê dizer-me para serem recebidos como convem (*Mercedes retira-se.*)

D. IGNEZ.

Não seria melhor mandal-os logo entrar, minha tia? durante essas indagações a chuva continuará a molhal-os.

CONDESSA.

Minha sobrinha para satisfazer-vos, já tenho passado por cima de algumas leis, não queirais agora que eu comprometta a dignidade de nossa illustre caza,

MERCEDES (*Voltando.*)

São dous fidalgos senhora, e um delles traz ao pescoço a insignia do tosão de ouro.

CONDESSA.

São então grandes da Hespanha! Fazei-os entrar para esta sala. (*Mercedes vai-se.*) Que acordem já Gil Peres, que todos venhã cá fora (chegando á porta).

### SCENA III.

AS MESMAS, o REI e GRANVILLE (*disfarçados em caçadores.*)

GRANVILLE.

Desculpai, senhora....

D. IGNEZ (*reconhecendo-o.*)

A'parte) Ceos!

GRANVILLE (*fingindo que não percebe.*)

Se a semelhantes horas viemos perturbar o repouso de vosso solar; porem tendo-nos perdido nas montanhas, onde caçava-mos e havendo-nos surpreendido a trovoadã, tomamos como um beneficio do céo o deparar-mos com este castello.

CONDESSA.

Sejais bem vindos, senhores cavalleiros, aos dominios de Santa Cruz. Se sempre teve por galardão esta nobre familia o conceder a hospitalidade aos viajantes e forasteiros, certo que não vol'a recusaria, á vós a quem tudo he devido pela vossa qualidade de nobres. Podeis aqui dispor do que vos approuver.

GRANVILLE.

Para mim, nobre dama, pouco será preciso, porem meu pobre companheiro, morto de frio e de fome e mais debil do que eu, necessita de outros cuidados. Vamos, Santo André approximai-vos do brazeiro.

O REI (*debaixo do nome de Santo André, que d'esde que chegou não tem cessado de olhar para D. Ignez*) (*em meia voz a Granville, debaixo do nome de Mondragon.*)

Oh! quanto é encantadora esta menina.

GRANVILLE.

Pobre amigo! está molhado até aos ossos, vamos, vamos para junto do brazeiro (*vai-o conduzindo.*) Nobres senhoras, o calor externo sem ter um auxiliar poderoso

internamente, nenhum beneficio por certo nos fara. . . assim se vossa bondade permittisse, que nos servissem do que houvesse? . . . Em fraze bem clara. . . tanto eu como meu amigo até a presente data estamos em jejum e morremos de fome.

CONDESSA.

Sereis ja servidos, senhores, não como mereceis ; porem como o lugar e as circumstancias o promettirem. (*Mercedes, e Gil Peres apparecem e põem a meza, onde depositão um candelabro, por já ser noite.*)

GRANVILLE. (*às duas damas.*)

Senhoras, d'esde já vos peço desculpa para o meu companheiro que è tudo que ha de mais taciturno, e particularmente hoje que deixou escapar o maior lobo, que se tem visto. Não e verdade Santo André ?

REI.

E' fãcio, mas para que recordar-me agora d'esse desgosto, quando me acho todo entregue ao prazer que me cauza tão cordial hospitalidade ? Isso è maldado de vossa parte, meu caro Mondragon.

CONDESSA.

Estais servidos senhores.

GRANVILLE.

Então para a meza, e entre as mais gratas libações, esqueçamos-nos dos trabalhos e contratempos do dia.

(*Assentão-se, o rei junto de D. Ignez a quem dá a direita e Granville à esquerda da condesa, de sorte que o Rei fica no meio : A penas assentados Gil Peres hindo servir de vinho a Granville, reconhe-o, recua, e deixa cahir a garrafa no chão, dizendo.*)

GIL PERES.

Santo nome de Jezus !!!

CONDESSA.

Senhores, tende a bondade de desculpar o estouvamento d'este criado, que como se achava dormindo quando chegastes, supponho, que ainda continua com os olhos fechados.

GIL PERES (*envergonhado.*)

E' que eu acabo de reconhecer n'este senhor, que esta aqui. ....

GRANVILLE (*rindo-se.*)

Ah' senhoras, é preciso desculpal-o, ah! ah! ah'. A aventura é assás galante! Aposto que elle me toma por um de meus compatriotas com o qual muito me pareço, o visconde de Granville, meu primo Irmão? Não é isto, meu bravo? (*Gil Peres faz signal affirmativo.*) Que vos dizia eu? Heide contar esta scena curioza a Granville, que hade rir muito. Por ventura tambem conheceis, minhas senhoras, a meu primo Granville? (*D. Ignéz abaixa os olhos.*)

CONDESSA (*com orgulho.*)

Não, senhor, não temos essa honra.

GRANVILLE,

Tanto peor para vòs, porque é um fidalgo de muito merecimento. Perguntai-o a Santo André (*surri-se.*)

REI (*surrindo-se.*)

Sem duvida!

CONDESSA (*depois de alguma pausa durante a qual comem.*)

Ereis vós, que andaveis caçando nas montanhas ?

GRANVILLE.

Era o rei em pessoa, que ultimamente á instancias e rogalivas da senhora Princeza tem voltado de novo a esse exercicio.

CONDESSA.

E vós fazeis parte da sua real comitiva ?

GRANVILLE.

Eramos dos seus

CONDESSA.

Isso é uma subida distincção !

GRANVILLE.

Não com o tempo que faz hoje. Com tal chuva não ha distincção que preste,

CONDESSA.

No tempo de meu finado marido o conde de Barbastro, os fidalgos pensavão diversamente.

GRANVILLE.

Não duvido, porem eu é que detesto a chuva, e parece-me que meu amigo, S. André, é inteiramente do meu accordo. Vede-o, como ainda está palido do frio,

REI.

Oh ! agora estou melhor, muito melhor, á bastante tempo que não me sinto tão bem.

GRANVILLE.

No entanto até o presente nada tendes dito á vossa gentil vizinha da direita ; Senhora, meu companheiro é naturalmente tímido, e eu vos peço que tenhais dó d'elle.

D. IGNEZ (*desfarçando.*)

Que noite horrivel ! a chuva continua.

GRANVILLE.

Maldita couza é a chuva. Ora eis ahí está, S. André, uma couza que a Sra. Princeza deveria ter supprimido (*o rei ri-se*) mas ainda agora (*desculpai a nossa falta*) é que me veio a idéa o perguntar a quem tenho a honra de me dirigir ?

CONDESSA.

A muita alta, e <sup>no br~</sup> D. Serafina de Bazan da caza de Santa Cruz, viuva do muito poderoso, e muito honrado D. Luiz Esteban de Villa Medianna y Tordesillos y Palacios, Conde de Barbastro, Camarista do defuncto Rei Carlos II a quem Deus te.lha em gloria, por ter sido um Rei sabio e respeitador dos antigos costumes,

GRANVILLE.

Amen ! Amen !

REI (*com timidez.*)

E quem he esta encantadora donzella ?

CONDESSA.

E' D. Ignez de Santa Cruz, filha do muito poderoso muito excellente. . . .

REI.

Oh ! cõos! sera por ventura sua filha ?

D. IGNEZ.

Conhecereis por acaso meu Pai ?

REI.

Sim senhora, conheço-o. Na batalha d'Almanza, fes-me um grande serviço, e eu bem depressa delle me esqueci !

CONDESSA.

E' celebre, minha sobrinha, nunca vosso pai fallou neste fidalgo !

REI.

Talvez se esquecesse do meu nome, porque ja são passados muitos annos, mas quando estiverdes com elle, perguntai-lhe pelo cavalleiro de S. André.

IGNEZ (*chorando.*)

Como perguntar-lhe, se nem nos é permittido vel-o ?

REI.

E porque senhora ? Não choreis assim que despedaçae vossas almas.

GRANVILLE (*aparte*).

Bravo ! o rei vai se safando ! Meu plano não falha.

IGNEZ.

Porque se acha preso, e incommunicavel. (*chora mais*).

REI.

Está bom. Talvez que o rei lhe perdoe : eu mesmo me comprometto a fallar nesse negocio a S. Magestade.

GRANVILLE.

Mas o que hade fazer o rei em tal caso ? Fallai antes á senhora princeza.

REI (*levantaado-se.*)

Basta, Sr. Mondragon. O rei não é sub lito da princeza. Senhora ficai sosegada, vosso pai será solto, enxugae vossos lindos olhos. (*Os creados tirão a meza e retirão-se*)

CONDESSA.

Olha minha sobrinha, como este senhor se compromette a fallar ao rei, bom seria que se incumbisse de entregar-lhe o memorial, que fizemos. Que achais ?

IGNEZ.

Que é muito prudente. Onde está elle ?

CONDESSA.

Vamos buscat-o (*aparte a Ignez*) que a etiqueta não permite que fiqueis só com dous cavalleiros. (*alto*) Com vossa licença. (*vão-se ambas*).

SCENA IV.

O REI E GRANVILLE.

GRANVILLE.

E então senhor que achais ?

REI.

E' um anjo ! é uma belleza, como ainda não vi igual !

GRANVILLE.

Mas a senhora princeza é certamente muito mais bella.

REI.

A fallar-te a verdade, Granville, a princesa ja me vai parecendo velha, sobre tudo depois que vi esta viçosa e purpurea flor.

GRANVILLE.

E não fizemos bem em disfarçar-nos, e tomar nomes suppostos ? Assim ao menos estamos em mais liberdade.

REI.

Não ha duvida. Mas como tarda a voltar essa angelica creatura ?

GRANVILLE (*aparte*.)

Onegocio vai se tornando mais serio, do que eu dezejo; parece-me que sua Magestade quer tornar-se verdadeiramente meu rival.

SCENA V.

OS MESMOS D. IGNEZ e CONDESSA.

IGNEZ.

Aqui está o memorial, senhor.

REI.

Bem, eu o entregarei e hoje mesmo, porque devo lá juntar-me a real comitiva.

CONDESSA.

Pois já ? e com este tempo ?

REI.

É necessário *(olhando para D. Ignez)* mas posso assegurar-vos que levo desta noite bem gratas lembranças. Mondragon, vamos, a caminho. Senhoras, infinitamente grato ao vosso bom acolhimento. *(Faz uma cortezia a condessa, de sorte que encobre Granville)*.

GRANVILLE *(baixo a Ignez)*

Bella Ignez, perdoai este engano. Assim foi preciso por interesse de vosso pai. *(Ignez fica petrificada)*.

CONDESSA.

Que é isso, minha sobrinha? que tendes ?

GRANVILLE (*mellendo o caso á bulha*).

Que o ceo cubra vossa alta, nobre, e poderosa familia  
de bençoes. (*retirã-o-se*).

IGNEZ (*aparte*)

E' elle ! meu coração não me enganou.

**Fim do 4.º acto. e do 2.º quadro**



# ACTO V

## QUADRO I.

### A CHEGADA DA RAINHA.

O theatro representa uma das portas da cidade de Madrid. A boca da scena ha um elegante camarim com sumptuosa mobilia, cortinas, espelhos, e tudo quanto puder concorrer para tornal-o magnifico. Este camarim he todo aberto no fundo por columnas, que deixão ver inteiramente um pavilhão, tambem aberto por todos os lados, cujo pavilhão, acha-se enfeitado por grinaldas de flores, tapete etc. Ainda no fundo em frente deste pavilhão, de maneira, que possa ser bem visto ha um coreto onde existe uma banda de musica. No pavilhão ha 12 donzellas vestidas todas de branco com véos e grinaldas, tendo nas maos salvas com flores para deitar sobre a rainha a sua chegada. No camarim existem muitos cavalleiros e damas da cõrte com vestidos de grande gala. Por fora do pavilhão vem-se grupos de povo. Por de traz do coreto, ve-se uma igreja, cuja torre tem sinos, que deverão repicar a chegada da rainha.

### SCENA I.

ALMENZAGA, DUQUE DE MIRANDOLA, ALTAMIRA,  
MIRASOL, CAVALLEIRO DE S. JAQUES E MUITOS CA-  
VALLEIROS E DAMAS.

ALMENZAGA (*A Mirandola.*)

Muito estimo, Sr. Duque, o ver-vos outra vez restituído dos vossos antigos cargos e dignidades.

MIRANDOLA.

Obrigado Sr. d'Almêzaga. A nuvem, que obscurecia o sol da nobreza hespanhola, parece estar removida, e S. Magestade já se acha congraçado com os seus leaes e fieis subditos.

ALMENZAGA.

No entanto, tudo isto foi devido ao estrangeiro a quem tanto execráveis, ao visconde de Granville, fidalgo francez, que tantos odios mereceu da grandeza de Hespanha.

MIRANDOLA.

Sim, he verdade, que tempo houve em que procurámos dar a morte a esse fidalgo, a quem julgámos nosso inimigo declarado; mas hoje seu procedimento o rehabilitou a nossos olhos, e nos confessamos devedores dos mais assignalados serviços.

ALMENZAGA.

De facto, senhor, he preciso convir, que só elle tinha o magico poder de desconceituar a Princesa no animo do rei, a Princesa, por cuja cabeça elle pensava, e por cujos olhos sómente via, e por cuja vontade dirigia a sua.

MIRANDOLA.

Não há duvida, e o que torna mais curioso o seu proceder, foi o meio de que elle se serviu para conseguir seus fins: affectando ser o mais dedicado á Princesa, ganhando sobre ella um poder immenso, elogiando-a sempre em presenca do rei, hia no entanto entre ella, e as maiores heildades do reino fazendo praticas comparações. Constantemente engrandecendo seus encantos e attri-

vos, quando o monarcha se achava em vista de alguma formosa donzella, dava com isto lugar, a que o proprio soberano notasse a differença, que havia entre a mocidade viçosa e a belleza passada, entre as perfeições juvenis, e os arroubos da arte. Começando por leval-o, sem que o rei disso se apercebesse, aos dominios do marquez de Santa Cruz, deu-lhe occasião a que visse sua filha D. Iñez. e as perfeições dessa donzella decidirão da sorte da Princeza. Então o rei, que por espaço de 3 mezes de lucto por morto da ramha, tinha estado encerrado em seus aposentos, e outras pessoas não via senão a Princeza, considerando-a por isso, como a maior perfeição do mundo, começou logo a desvendar-se, e dahi data a desgraça de sua favorita. Instado pela cõrte de Versailles para contrahir segundasnupcias dicitu-se pela sobrinha do duque de Parma, o que como asseguração, valleu o barrete de cardeal ao modesto cura Alberoni.

ALMENZAGA.

O que me parece ser exato, tanto que hoje já foi ao encontro da nova rainha com vestes cardinalicias.

MIRASOL.

E dizer-se que um quasi imberbe estrangeiro conseguiu, o que nunca poderão as maiores capacidades nacionaes ? o que mesmo não pode obter o proprio Luiz XIV ? E' inacreditavel ! !

S. JAQUES.

Não podemos desconvir, senhores de que esse moço, é um habil diplomata, e hoje em rigor não pôdo mais ser considerado estrangeiro pela aliança que vai contrahir com uma das primeiras cazas da Hespanha ; pois dizem que se acha contractado a casar com a filha de Santa Cruz.

ALMENZAGA.

E' verdade, e seu casamento se fará ao mesmo tempo que o do rei, — sendo S. Magestade em pessoa uma das testemunhas.

D. GUSMÃO.

O que é uma subida honra.

MIRASOL.

Mas, senhores, não me podereis informar das razões que teve o visconde de Granville para proceder como tem procedido? Bem sabeis, que havendo eu sido desterrado depois da memoravel noite de 14 de abril, não tenho acompanhado os acontecimentos de meu paiz. Dão tantas versões, interpretação tão diversamente, que mesmo não sei, o que acredite.

ALMENZAGA.

A excepção do eminentissimo cardeal Alberoni ninguém mais pôde appropfundar esses misterios.

Com tudo o que de mais positivo se tem podido colligir é que o Sr. visconde de Granville tem antigos ressentimentos da princeza a vingar.

MIRANDOLA.

Sim, isso parece de algum fundamento, pela grande parte que segundo se diz, teve a princeza no magico fim dos progenitores do visconde.

S. JAQUES.

Seja como fôr, esse moço foi para a Hespanha uma verdadeira providencia.

SCENA II.

OS MESMOS, MARQUEZ DE SANTA CRUZ E D. IGNEZ.

SANTA CRUZ.

Os céos vos guardem, nobres senhores.

MIRANDOLA.

Mil graças rendemos ao Altissimo por nos haver restituído o mais corajoso e esforçado cavalleiro.

SANTA CRUZ.

Aqui vos appresento minha filha D. Iñez de Santa Cruz, futura viscondeça de Granville.

MIRANDOLA.

Muito folgamos, senhora, por ver restituída á côrte de Hespanha o seu mais bello ornamento, que um vento frio e dezabrido havia levado para longe.

SANTA CRUZ.

Sim, senhores, hoje minha filha já pôde comparecer na côrte, porque já temos rainha. Enquanto ali se achava essa franceza, a quem Deos condemne, uma herdeira da casa de Bazan não poria ali seus pés. Ao meu futuro genro devemos a queda d'essa soberba, e a rehabilitação da nobreza. Eu proprio ainda estaria encerrado nessa maldita torre de Segovia, se elle não fosse. Sua Magestade foi o proprio que se dignou contar-me tudo quanto o visconde por mim fez.

MIRANDOLA

Mas em premio desses serviços vai alcançar o maior bem a que um mortal tem direito de aspirar. Vai ser esposo da gentil D. Ignez.

SANTA CRUZ.

Sim, senhores, seu nascimento e suas virtudes o tornão digno dessa honra, e espero que elle fará a felicidade do ente a quem neste mundo mais estimo.

*(Ouve-se ao longe tiros de artilharia.)*

ALMENZAGA.

Chega a rainha.

MIRANDOLA.

Como grande mestre de ceremonias, é a mim a quem cumpre dirigir a recepção. Em alas, senhores em alas.

*(Dirigem-se para o pavilhão.)*

SCENA III.

OS MESMOS, A DUQUEZA DE PARMA (*Rainha*) A AYA  
DA RAINHA, ALBERONI (*com vestes de cardeal*)  
VISCONDE DE GRANVILLE.

*Se for possível carruagens em numero de duas ou tres chegarem á entrada ao pavilhão, das quaes desembarquem as novas personagens, julgo que o effeito sera maior, maxime, sendo ellas acompanhadas por alguns soldados de cavallaria. Quando não seja possível— fingirse-ha que as personagens desembarcão ao lado do pavilhão. Emquanto dura a chegada, repicão os sinos da igreja, toca a muzica e ouvem-se tiros de artilharia. Cada uma das novas personagens ácima indicadas, deve apparecer por sua vez para tornar a scena mais extensa até que apparece a rainha em companhia da aya, e ao entrar no pavilhão as donzellas deitão-lhe flores. A rainha vem para o camarim acompanhada por todos.*

MIRANDOLA.

Senhora, digne-se Vossa Magestade descansar neste camarim por alguns instantes em quanto se prepara sua entrada real na cidade (*a rainha assenta-se*). Vosso real espozozo ancioso vos espera e apenas chegardes terá lugar a cerimonia.

RAINHA.

Estou por tudo quanto fôr da vontade de meu real espozozo.

ALMENZAGA (*vindo de um dos lados para onde tem hido pouco antes: Inclinando-se.*)

Sua Alteza a princeza pede permissão de appresentar-se a Vossa Magestade.

RAINHA (*com máu humor.*)

Que entre.

#### SCENA IV.

OS MESMOS, E A PRINCEZA (*ricamente vestida porém decotada e mangas curtas; logo que a princeza apparece, algumas pessoas se inclinão, e Almenzaga chega uma cadeira para junto da poltrona onde esta a rainha.*)

PRINCEZA (*assentando-se a um gesto da rainha.*)

Senhora, tenho a honra de appresentar-me ante V. Magestade, e desde já sollicito de vós a mesma amizade que se dignava consagrar-me a vossa antecessora.

RAINHA (*secamente.*)

E como quereis a minha amizade, se eu não vos conheço?

PRINCEZA (*surrindo-se.*)

Ah! para isso teremos tempo, porque vosso real esposo houve por bem conceder-me o titulo de Camareira mór. E eu atrevo-me a esperar que V. Magestade ratificará a nomeação. Taes são ao menos os meos mais ardentes desejos, e tal é agora a minha supplica. (*quer beijar a mão da rainha que não consente.*)

RAINHA.

O rei não consultou a minha vontade para fazer essa nomeação. Eu não a approvo, tanta mais quando já eu mesma tinha feito escolha da minha camareira mor, que é D. Ignez, a filha do bravo marquez de Santa Cruz.

PRINCEZA.

Oh' rainha ! que vos fiz eu, para que assim estejais tão indisposta contra mim ?

RAINHA.

Pouca couza, mas apenas vos vi, logo fiquei convencida de que não me convinheis. Não gosto de camareiras, que se vestem como estais. Em verdade será essa a moda nesta cidade ?

PRINCEZA.

Conheço, que meus inimigos me comprometterão na opinião de V. magestade : no entanto nada mais peço do que servir a V. M. com a melhor boa vontade, como subdita submissa.

RAINHA (*levantando-se.*)

E pensais por ventura, que não é esse o vosso dever ! talvez vos queiraes julgar minha igual ?

PRINCEZA.

Supplico a V. M. de perdoar-me, se minhas palavras a offenderão : não era essa a minha intenção.

RAINHA.

E que me importa a intenção, quando as palavras são tão claras ?... Sahi, senhora, sahi de minha presença.

PRINCEZA.

Eu me retiro rainha, mas V. M. me permitirá voltar em outra occasião, em que esteja mais disposta a ouvir-me.

RAINHA.

Não, não : ordeno-vos, que nunca mais torneis a por os pés em palacio.

PRINCEZA.

Isto é uma injustiça, senhora, nunca offendi a V. M. como a Deus por testemunha.

RAINHA.

Ainda ! ainda resistis ? quero ser obedecida.

PRINCEZA.

Porem ao menos. . . . .

RAINHA (*para os que estão.*)

Olá ? enxotai da qui esta mulher, levai-a para fora de minha vista.

PRINCEZA (*com muito orgulho.*)

Enxotar-me a mim ? a princeza Anna de Tremouille ? senhora, eu não sou uma criada, e uma vez que V. M. recusa-se o ouvir-me, vou procurar o rei, para saber delle, se consente, em que seja expulsa de palacio a camareira mor da deluncta rainha.

RAINHA.

O rei? nunca mais o vereis em quanto eu for sua esposa, e espero sel-o por muito tempo; porque inda que não seja mais bella, que vós, sou muito mais moça, pois que poderieis ser ate minha avó. Haveis de sahir do reino. Esta é a minha vontade.

PRINCEZA.

Porem não é a do rei. V. Magestade esquece-se de que poucas pessoas ha em Hespanha, que não tenham de mim recebido algum beneficio, e que não estejam acostumados a obdecer-me. Qual de vós senhores ouzará empregar a torça contra mim? (*todos abaixão os olhos*).

RAINHA.

Tenente Almenzaga livrai-me desta douda. Encerrai-a em algum quarto, em quanto não é expulsa do reino. Respondeis-me por ella sob vossa cabeça.

ALMENZAGA. (*balbuciando*)

Rainha... perdoai-me... mas sem uma ordem expressa do rei... não me atrevo... (*a rainha olha admirada para Granville, e Alberoni*).

PRINCEZA (*surrindo-se*).

V. Magestade engana-se, se julga, que esses dous senhores tomarão o seu partido contra mim. Não é assim visconde? não é assim cura?

ALBERONI (*levantando a cabeça*).

Um cardeal tem o tratamento de Eminencia.

*Granville pallido, e com muita impassibilidade tira um papel, desdobra-o, e colloca debaixo dos olhos de Almenzaga).*

ALMENZAGA. (*tendo alto*)

« O tenente Almenzaga somente receberá ordens da rainha de Hespanha, e sejam quaes forem, as deverá cumprir immediatamente. — ReL »

PRINCEZA.

Oh ! traição abominavel !

RAINHA.

Tenente Almenzaga cumpri as minhas ordens, inda que seja mister o emprego da força.

PRINCEZA. (*com muita calma e solemnidade*)

Não é preciso, senhora, meus inimigos triumpharão, mas juro-vos, que nem vòs, nem elles gosarão do prazer de me ver sair da Hespanha. (*retira-se*).

RAINHA.

Que este incidente não perturbe o nosso jubilo, senhores fação-se agora os apprestes para a minha solemne entrada na cidade.

Fim do 1.º quadro do 5.º acto.

## QUADRO II.

### O DESTINO E A MORTE.

O theatro representa um quarto simples com uma unica janella no fundo com grades. Portas a esquerda do expectador por onde dão entrada geral. Portas a direita que dão para o interior. Ha um pequeno brazeiro.

### SCENA I.

PRINCEZA *só (assentada em um tamborete raso, escrevendo sobre uma meza de Carvalho. Está vestida como no quadro precedente; porem seus cabellos e semblante indicão a maior desordem de espirito. Ao levantar do punho está finalizando uma carta, enxuga os olhos, facha a carta e levanta-se.)*

Sim, comprirei, o que lhe disse. Só depois da minha morte saberá o fatal segredo! Ah! meu Deos! e ainda assim: quanto me custa a declarar-l'ho! Como amaldiçoará elle a minha memoria! como execerará o meu cadaver! Elle para quem eu só queria viver, para quem ambicionava honras, glorias, e poder! (*chora*) que se cumpra o meu destino, e que seja esta a maior, e derradeira punição de minhas fallas!... E que mais poderia eu soffrer? Estrangeira n'este Paiz, sem descender de sangue real, cheguei a ser mais que o proprio rei: obedecida, respeitada e venerada por todos, ver-me agora de repente repellida humilhada, e expulsa, por aquelles mesmos quem fiz tantos beneficios! pode haver maior martirio? Não, a morte é nada em comparação de taes tormentos. Oh! e como esta estúpida filalguia se terá regorijado com a minha desgraça! Como os seus grandes tão cheios de orgu-

lho e futilidade terão aplaudido a minha queda ! Ah ! Rainha, rainha ! tu es o instrumento, de que elles se servem para derrubar-me, mas toma para ti da minha desventura uma sabia lição. Teu real esposo tão prompto em amar, como em aborrecer, pode fazer-te provar tambem as angustias, que agora me delascarão ! . . . Sem que te dêsse motivos, aproveitaste a prezença de meus mortaes inimigos para me esmagares com o teu desprezo. No dia mesmo de tua chegada tu me trataste como a mais vil das creaturas, mas praza ao menos ao Céo, que um dia não digas—o que agora soffro, já fez soffrer, o que agora sinto, já fiz sentir. Repellir-me de sua prezença, ameaçar-me com o desterro, encerrar-me neste quarto, a mim ! Princesa de Bracciano ! a mim camareira mor, a primeira pessoa depois dos reinantes ! Não ha certamente exemplo de tal ignominia. Quando eu esperava transportar-me em sua propria carruagem (segundo as mais sollemnes promessas do rei quando contava participar do triumpho e ovacões, que a ellas fossem dirigidas, já que não podia tel-as eu só, ver-me isolada, nesta verdadeira prisão, sim porque até aquellas grades (*apontando para a janella*) bem demonstrão, que isto é um calabouço, tendo por assento um banco razo, e por moveis uma simples meza de carvalho ! é meu Deus é arder em vida em peiores penas que as do inferno ! E ainda o desterro ! sair da Hespanha ! onde reínei como verdadeira soberana ! debaixo das pragas e maldições do povo ! dos rizes de moza e de esgarneo da nobreza ! . . . ah ! isso nunca ! tal prazer não vos tucí de dar miseraveis manequins (*correndo para a janella*). Vozes fora, (ali está ella ! abaixo a princesa ! abaixo a princesa (*voltando para sreena*)). Infames ! que ainda a poucos instantes se prostavão a meus pés e beijavão o chão, que eu pisava ! . . . Eu não posso ! . . . minha razão se perle ! . . . sinto que o cerebro me anda a toda ! . . . nem me é dado mesmo combiuar minhas ideias. Oh ! cortezãos, que povoais es palacios, aproveitai este terrivel exemplo e aprendei a desconfiar do validismo ! Oh ! vós homens de estauo, que tanto contais com a popu-

laridade de vosso nome, sirva-vos ao menos, o que me acontece, de lição proficua (*assenta-se e reflecte*). Mas porque ainda exito ? que tenho eu mais que esperar ? Não se acha por ventura em minhas proprias mãos o remedio de meus males ? Eia, acabe-se tudo, e de uma vez conclua-se o sacrificio (*tira do ceio um vidro, e ajoelha-se.*) Meu Deus sem vós, sem a vossa soberana vontade nada se move sobre a terra : vós que não me destes forças para mais suportar os horrorosos trances, por que tem minha alma passado, é porque consentis na resolução, que hei tomado, e porque quereis que eu propria me applique o castigo, que mereço. Perdoai-me pois senhor por vossa infinita misericordia, e recebei minha alma, como a de uma peccadora arrependida (*bebe o conteúdo do vidro, e neste momento batem á porta*) Certamente vem buscar-me para me conduzirem as rayas de Hespanha. . . . ah' ah' ah' (*riso de louca*) que venhão ! . . . que venhão ! que só conduzirão um cadaver (*vai abrir*) entrai.

## SCENA II.

A MESMA E GRANVILLE (*com muita solemnidade.*)

PRINCEZA (*recuando e cahindo no mozo.*)

Céos ! Granville !

GRANVILLE.

Senhora, S. M. Catholica, o rei Felipe V, manda intimar-vos a ordem de sahirdes immediatamente da Hespanha. A carruagem que tem de conduzir-vos acha-se prompta, e a escolta para acompanhar-vos, vos espera. Cumpre que não vos demoreis, visto que S. M. a rainha não quer entrar na cidade sem que tenhaes sahido do reino.

PRINCEZA (*violentando-se.*)

E porque, Sr. visconde, fostes vós o preferido para intimidar-me tal ordem?

GRANVILLE.

Porque o sollicitei, senhora.

PRINCEZA (*no camulo da admiração.*)

Porque o sollicitastes? Vós? ! o visconde de Granville?

GRANVILLE.

Sim, senhora, e mesmo para alcançar essa honra de S. M., se necessario fosse dar o meu sangue, eu o faria.

PRINCEZA.

Oh! meu Deos! certamente perdi a razão! meos ouvidos entendem o opposto, do que me querem dizer.

GRANVILLE.

Não, senhora, nem perdesdes a razão, nem ouvistes mal: disse que me empenhei em trazer-vos a ordem do desferro, digo-vos agora, que foi ella a unica coisa que me fez deixar a patria e os amigos, digo-vos linalmente, que se não a oblivesse, morreria de dor e de desesperação.

PRINCEZA.

E porque, justo Céu?

GRANVILLE.

Porque vos odeio, porque vos aborreço tanto quanto se pode aborrecer á vibora a mais peçonhenta.

PRINCEZA.

E essas provas, que tantas vezes me destes, de veneração de amor ? esses protestos da mais dedicada amizade, chegando mesmo a expordes vossa vida para defender a minha honra ?

GRANVILLE.

Tudo era fingimento, tudo era ardil, para poder captar vossas boas graças e perder-vos no animo do rei.

PRINCEZA.

E nem ao menos modificarão esse odio os grandes benefícios que vos fiz ? nem assim deixastes de ser ingrato ?

GRANVILLE.

Benefícios vossos nunca os aceitei. Fizestes-me nomear estrêbeiro-mor — queimei a nomeação. Fizestes-me admitir ao numero dos recreadores do rei — nunca deixei a embaixada de França para vir residir em palacio. Ornastes meu chapéo com este laço de brilhantes — arranqueio logo que sahi de vosso quarto. E agora aqui vol-o trago, lanço-o a vossos pés, que o visconde de Granville não se vende, nem por empregos, nem por valores.

PRINCEZA.

E não me direis ao menos, senhor, porque causa me volaes tanto odio, quando nunca vos fiz o menor mal ?

GRANVILLE.

Sim, senhora vou tudo dizer-vos, porque enfim è chegado o momento ; porque a enumeração de vossos crimes deve certamente despertar-vos remorsos eternos: Escutai-

me.  
infe  
to,  
de  
lho.  
outr  
havi  
de r  
men  
alte  
port  
seos  
inuc  
nobr  
to,  
aban  
riva  
mãe  
aban  
ao t  
fiqu  
que  
mal  
extr  
meu  
quer  
de n  
cria  
vós  
gun  
ann  
te  
em  
alun  
da c  
que  
suffi  
pri

me.—Ha 25 annos que na hospedaria dos Appeninos uma inteliz e nobre senhora, tranzida de dores, pedia um quarto, um miseravel palheiro, onde podesse dar à luz o fructo de seu conjugal amor. A dona dessa hospedaria recuzava-lhe, nao porque fosse essa a sua vontade; mas porque uma outra gentil e tambem nobre dama havia tomado o que havia para si, pois tambem hia dar à luz o fructo porem de uma illegitima e criminosa paixão. Levada pelo soffrimento e aguçada pelas dores a recém-chegada não quiz attender às desculpas da locandeira, e empurrando a porta de um quarto, medonho espectáculo se desdobrou a seos olhos. O que vio ella, senhora? Seu marido, o pai do innocente, que estava prestes a vir ao mundo, aos pés da nobre dama, que acabava de ser mãe, roubando-lhe o affecto, os carinhos e a fidelidade de seu espozó. A victimilla abandonada e trahida foi quem me deu o ser, a delinquente rival ereis vós, e esse cavalleiro foi meu pai. Minha pobre mae, apenas eu vi a luz, não poude resistir ao seu cruel abandono, meu pai ralado de remorsos seguiu-a tambem ao tumulo, e eu nascido debaixo de tão tristes auspicios fiquei só, orfão e abandonado. E ainda perguntais-me por que razão vos odeio? Privado desde a infancia dos carinhos maternos, obrigado a beber a vida a amargos sorvos em extrahidos seios, não tendo quem jamais comprehendesse meus infantis sorrisos, quem partilhasse as minhas dores, quem me afagasse em seu peito, não encontrando o collo de uma terna mãe para enlaçal-o com meus debeis braços, criado por caridade, educado por compaixão, quando se vós não losséis seria o mais feliz dos lhos! E ainda perguntais por que razão vos odeio? Eu não trocaria longos annos de venturosa vida pelo prazer da vingança, que neste momento desfructo, porque sei, o que se passa agora em vossa alma. Levada pela ambição de reinar, somente almejando o poder supremo, ver-vos num instante abatida e humilhada! para um coração como o vosso, é mais que soffrer mil mortes, mas tudo quanto soffreis e ainda soffreredes é em froco do que tenho supportado. Vós propria não podereis avaliar os meus pesares: e só talvez ti-

zesseis idéa dos meus tormentos, se vosso proprio filho, como eu, vos contasse taes martyrios. E ainda assim quem sabe se hospedareis com riso a descripção de seus males ? que sois uma mulher desnaturada e em vosso coração não tem guarida a sensibilidade, porque havendo sido mãe, sem duvida abandonastes vosso filho, para não servir elle de obstaculo ás vossas infernaes conquistas.

PRINCEZA. (*aparte*)

E ouvir isto, meu Deos, de sua propria bocca ? ! Oh ! senhor, eu vos agradeço. Sei que deixando este mundo, lúrei gosar de vossa gloria pois,inda que quizesseis não podieis inventar maior castigo (*alto*) Granville, escutai-me. . . . ainda alguns instantes. . . . sim, porque. . . . a rainha não hade querer esperar. . . . E' necessario que eu parta, e ja sinto. . . . a necessidade de obedecer. . . . (*chorando aparte*) Que filho ! meu Deos ! que coração perdi ! (*alto e assentando-se*) Granville. . . . aproxima-te. . . . que a voz me vai faltando. . . . sim, com vergonha confesso. . . . vou desanimando. . . .

GRANVILLE. (*aparte*)

E com effeito ! mortal pallidez cobre seu rosto ! seu semblante está alterado !

PRINCEZA.

Em uma das conferencias que tivemos em meu quarto, quando, insensato ! me fazias protestos de amor. . . eu disse. . . bem o deverás recordar. . . que um segredo terrivel oppunha barreiras de ferro a teus loucos pensamentos. . . que só esse segredo te seria revelado depois da minha morte. . . Eu não morro. . . ouves ? porém parto. . . e essa partida equivale a morte. . . Neste papel (*tirando a carta do seio e dando a Granville*) Neste papel te descubro couzas terriveis. . . . oh mas depois de lê-lo não me amaldiço-

es, goze eu ao menos depois da minha... partida, ... do que desprezei em vida... ah! ... (*desmaia*).

GRANVILLE.

Que tendes senhora? (*segurando-a*).

PRINCEZA.

Não é nada. .... eu parto. ....dize á rainha que suas ordens estao cumpridas. Adeus Granville!; perdoa-me.... o céu... velle sobre ti... Ah! (*morre*).

GRANVILLE (*depois de tela olhado por algum tempo*).

Morta; morta! e foi a ambição quem a assassinou! oh! vaidades do mundo! eis-aquí as vossas consequencias. Infeliz!... mas este segredo?... estou ansioso por conhecê-lo.... (*abre e lê*). Justiça divina!... que tenho lido!... Ella—ella minha mãe!... Oh! desgraçado! e fui eu que accelerei a sua morte? (*ajuchta-se*). Minha mãe... minha mãe! quão mal conheceste o coração de teu filho! Se o abandonaste, se o desprezaste, o seu amor de tudo se esqueceria! porque não lhe declaraste em vida que em teu seio fôra elle gerado? porque não lhe deixaste o remorso de haver insultado tua hora extrema? Agora minha mãe, sou eu quem te supplico o perdão, digna-te lá da eternidade lançar um olhar de compaixão sobre teu angustiado filho (*ouve-se fôra clarins levanta-se*). E' o signal da partida. Por esta declaração (*mostra o papel*) ella lega-me todos os seus bens, attenta a minha pobreza; porém... antes quero morrer na mais atroza miseria, do que fazer patente ainda esta sua nova falta. Aniquille-se a minha fortuna, mas com ella pereça a sua vergonha, (*Rasga a carta e a lança no brazeiro*.)

### SCENA III

OS MESMOS, E UM PAGEM DO REI COM 3 ARAUTOS.

PAGEM.

Senhor, o rei manda dizer-vos que, se as ordens da rainha acerca da princeza já se achão cumpridas, elle quer levar-vos ao templo, onde tambem vos espera D. Ignez de Santa Cruz. S. Magestade digna-se fazer-vos a honra de ser testemunha de vosso casamento, que se seguirá immediatamente depois do delle.

GRANVILLE.

Que seja em tudo S. Magestade obedecida *(vai ao pé da princeza, ajoelha, beija-lhe a mão e diz á parte)*. Oh ! minha mãe ; Adeus, Adeus para sempre ! *(Enchuga os olhos, levanta-se e diz com resoluçãõ)*. Vamos, senhor, estou prompto. *(Musica, repiques de sinos, vivas dentro dos bastidores)*.

